



.....

Colóquio Internacional

**PAISAGEM, REPRESENTAÇÃO,
PERCEÇÃO e IDENTIDADE**

.....

Universidade do Algarve
Campus de Gambelas
Faro, Portugal
10–11 de setembro de 2026

A creación do xénero da paisaxe no século XVIII foi froito dunha profunda transformación das relacións sociais, económicas e culturais. Non só reflicte esta mudanza a través das imaxes que representa, senón que, ao mesmo tempo, condiciona a ollada mediante unha concepción particular do que pasa a ser considerado paisaxe. É dicir, a paisaxe representada é, simultaneamente, froito dunha condición e un factor que modela a relación dos seres humanos coa natureza a través do tipo de representación que difunde. A paisaxe, como medio que establece unha relación entre o visíbel e o representado, non pode ignorar o papel fundamental que ocupa o espectador neste proceso. Así, podemos considerar a paisaxe tamén como un mecanismo de comunicación e de identificación, ou de identidade. A paisaxe é un lugar no que nos recoñecemos e co que nos identificamos.

A noción de paisaxe, lonxe de ser unicamente un reflexo da natureza ou da realidade exterior, é un constructo cultural atravesado por códigos, convencións e perspectivas que moldean a percepción e a representación do espazo. Na contemporaneidade, a paisaxe reaparece cunha densidade discursiva que interroga non só o que vemos, senón tamén como vemos.

A criação do género paisagem, no século XVIII, foi fruto de uma alteração profunda das relações sociais, económicas e culturais, e não só reflete, através das imagens que representa, esta mudança, como, ao mesmo tempo, condiciona a visão através de uma concepção particular do que passa a ser considerado paisagem. Ou seja, a paisagem representada é, simultaneamente, fruto de uma condição e condiciona a relação dos humanos com a natureza através do tipo de representação que dissemina. A paisagem, como médium que enceta uma relação entre o visível e o representado, não pode ignorar o papel fulcral que o espectador ocupa neste processo. Assim sendo, podemos considerar a paisagem também como um mecanismo de comunicação e de identificação, ou de identidade. A paisagem é um lugar onde nos reconhecemos e com o qual nos identificamos.

A noção de paisagem, longe de ser apenas um reflexo da natureza ou da realidade exterior, é um constructo cultural atravessado por códigos, convenções e perspectivas que moldam a percepção e a representação do espaço. Na contemporaneidade, a paisagem ressurgue com uma densidade discursiva que interroga não apenas o que vemos, mas também como vemos.

The creation of the landscape genre in the eighteenth century was the result of a profound transformation of social, economic, and cultural relations. It not only reflects this change through the images it represents, but also simultaneously shapes vision by establishing a particular conception of what comes to be understood as landscape. In other words, the represented landscape is both the product of a specific condition and a force that shapes the relationship between humans and nature through the type of representation it disseminates. Landscape, as a medium that establishes a relationship between the visible and the represented, cannot ignore the pivotal role occupied by the spectator in this process. Consequently, landscape may also be understood as a mechanism of communication and identification, or identity. Landscape is a place in which we recognize ourselves and with which we identify.

The notion of landscape, far from being merely a reflection of nature or external reality, is a cultural construct shaped by codes, conventions, and perspectives that mould the perception and representation of space. In contemporary contexts, landscape re-emerges with a discursive density that questions not only what we see, but also how we see.

Dia 1 (10 de setembro)

08:30

Receção dos participantes

Espaço de Convívio, Estudo e Alimentação, Edifício 1

09:00–09:30

Sessão de Abertura

Auditório Verde, Edifício 8

09:30–11:00

Conferência Plenária

Auditório Verde, Edifício 8

11:00–11:20

Pausa para café

11:20–12:50

Sessões paralelas

Painel 1: Literatura, Testemunho e Paisagem

Sala 1.37, Edifício 1

Painel 2: Paisagem, Língua e Identidades

Contemporâneas

Sala 2.37, Edifício 1

12:50–14:30

Almoço

14:30–16:20

Sessões paralelas

Painel 3: Paisagem Urbana e Espaço Público

Sala 1.37, Edifício 1

Painel 4: Cinema, Cidade e Crise Socioambiental

Sala 2.37, Edifício 1

16:20–16:40

Pausa para café

16:40–18:30

Sessões paralelas

Painel 5: Paisagem, Arqueologia e Memória Fílmica

Sala 1.37, Edifício 1

Painel 6: Paisagem, Território e Criação Sonoro-Visual

Sala 2.37, Edifício 1

Dia 2 (11 de setembro)

09:30–11:00

Sessões paralelas

Painel 7: Cinema e Paisagem: Mito, Natureza e Descolonialidade (I)

Sala 1.37, Edifício 1

Painel 8: Cinema, Colonialismo e Deslocamento (I)

Sala 2.37, Edifício 1

11:00–11:30

Pausa para café

11:30–12:30

Sessões paralelas

Painel 9: Cinema e Paisagem: Mito, Natureza e Descolonialidade (II)

Sala 1.37, Edifício 1

Painel 10: Cinema, Colonialismo e Deslocamento (II)

Sala 2.37, Edifício 1

12:30–14:30

Almoço

14:30–16:00

Sessões paralelas

Painel 11: Corpo, Performance e Paisagem

Sala 1.37, Edifício 1

Painel 12: Escrita, Imagem e Representação do Feminino

Sala 2.37, Edifício 1

16:00–16:20

Pausa para café

16:20–17:50

Conferência de Encerramento

Auditório Verde, Edifício 8

17:50–18:30

Sessão de Encerramento

Auditório Verde, Edifício 8

Dia 1 (10 de setembro)

Conferência Plenária

Auditório Verde, Edifício 8

A PAISAGEM COMO RUÍNA: CINEMA, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

Mirian Estela Nogueira Tavares (UALg/CIAC)

Partindo da reflexão de Giorgio Agamben sobre o conceito de dispositivo, em diálogo com a formulação de Michel Foucault, esta comunicação propõe pensar o cinema não apenas como uma tecnologia ou uma forma de representação, mas como uma rede complexa na qual convergem discurso, aparelho, arquitetura, espaço e formas de poder. O cinema, enquanto dispositivo nascido da modernidade, participa de uma determinada experiência do tempo e do espaço e contribui, simultaneamente, para a construção das formas através das quais vemos, reconhecemos e representamos o mundo.

Pretendo refletir sobre o lugar da paisagem no cinema, entendendo-a não como simples cenário ou fundo sobre o qual se desenrola a ação, mas como espaço de inscrição da memória, da história e da identidade. Neste contexto, a ruína surge como uma figura particularmente significativa: aquilo que permanece, resiste ou testemunha a passagem do tempo, mas também aquilo que se transforma e se abre à possibilidade de novas leituras e reconstruções.

Interessa, assim, pensar de que modo o cinema transforma a paisagem em discurso e como, através da imagem em movimento, determinados espaços se tornam lugares de memória, de conflito e de pertença. Entre o que desapareceu e aquilo que persiste, a paisagem cinematográfica revela-se como um território onde passado e presente se sobrepõem, permitindo interrogar as relações entre representação, percepção e identidade.

PAISAXE E RELATO

Pepe Coira (Argumentista)

No relato, cando o lugar no que se ambiente cobra importancia, adoita empregarse o seguinte eloxio: “[o lugar] é un personaxe máis”. Cando fixemos a serie *Hierro*, que se desenvolve na singular illa canaria de El Hierro, a máis pequena e remota do arquipélago, escoiteino con frecuencia. E, agradecendo a louvanza, sentía que era algo un pouco diferente. Non traballáramos o universo da serie do mesmo xeito ca os personaxes. A súa función era outra.

Coa miña intervención pretendo compartir as poucas conclusións ás que levo chegado sobre a relación entre paisaxe e relato na práctica de escribir series ou películas.

Escribín a película *Antes de nós* (Ángeles Huerta, 2025) e son creador das series *Hierro*, *Rapa*, *La canción* e *Ardora* (en produción), en colaboración con Fran Araújo. Anteriormente participei en ficcións televisivas coma *Luci* ou *As leis de Celavella*. No documental, traballei en series —*El circo de los muchachos*, *Cos pes na terra...*— e longas —*A viaxe de Leslie*, *Eloxio da distancia*, *A Seara* ou *Beiras. Vivir 2 veces*—, as dúas últimas tamén coma director. Con Gaspar Broullón e Jorge Coira somos a produtora OllóVivo, responsable das longas *Eroski-Paraíso* e *O corpo aberto* e máis a evocación do film perdido *Canto de emigración* (Antonio Román, 1935). En etapas anteriores fun docente, fundador e primeiro director da FilMOTECA de Galicia, e crítico de cine e TV.

Na narrativa, quando o lugar onde esta se ambienta ganha importância, costuma empregar-se o seguinte elogio: “[o lugar] é máis uma personagem”. Quando fizemos a série *Hierro*, que se desenrola na singular ilha canária de El Hierro, a mais pequena e remota do arquipélago, ouvi-o com frequência. E, agradecendo o elogio, sentia que era algo um pouco diferente. Não tínhamos trabalhado o universo da série da mesma forma que as personagens. A sua função era outra.

Com a minha intervenção pretendo partilhar as poucas conclusões a que cheguei sobre a relação entre paisagem e narrativa na prática de escrever séries ou filmes.

Escrevi o filme *Antes de nós* (Ángeles Huerta, 2025) e sou criador das séries *Hierro*, *Rapa*, *La canción* e *Ardora* (em produção), em colaboração com Fran Araújo. Anteriormente participei em ficções televisivas como *Luci* ou *As leis de Celavella*. No documentário, trabalhei em séries – *El circo de los muchachos*, *Cos pes na terra...* – e longas-metragens – *A viaxe de Leslie*, *Eloxio da distancia*, *A Seara* ou *Beiras*. *Vivir 2 veces* –, as duas últimas também como realizador. Com Gaspar Broullón e Jorge Coira somos a produtora OlloVivo, responsável pelas longas-metragens *Eroski-Paraíso* e *O corpo aberto*, além da evocação do filme perdido *Canto de emigración* (Antonio Román, 1935). Em etapas anteriores fui docente, fundador e primeiro diretor da FilMOTECA de Galicia, e crítico de cinema e televisão.

Painel 1: Literatura, Testemunho e Paisagem

Sala 1.37, Edifício 1

PAISAGEM E MEMÓRIA DO LAGER: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE EM *SE ISTO É UM HOMEM?*, DE PRIMO LEVI online

Juliana da Costa Neres (UNEB)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre memória, identidade e representação a partir da obra *Se isto é um homem?*, de Primo Levi, analisando como a narrativa testemunhal constrói uma paisagem simbólica marcada pela violência e pela desumanização nos campos de concentração nazistas durante o Holocausto. Assim, busca-se compreender de que maneira o testemunho literário de Levi produz representações do espaço que ultrapassam a dimensão geográfica, configurando uma paisagem histórica e cultural atravessada por memória, trauma e perda da identidade humana. Ao narrar sua experiência em Auschwitz, Levi descreve um espaço em que a dignidade humana é sistematicamente destruída por meio de práticas de violência física e simbólica. Nesse contexto, o campo de concentração deixa de ser apenas um cenário da narrativa e passa a ser compreendido como uma paisagem construída culturalmente, na qual se manifestam relações de poder, dominação, resistência. A paisagem do Lager é marcada pela vigilância constante, trabalho forçado, medo e pela fome, elementos que reorganizam a percepção dos indivíduos e transformam profundamente suas identidades. A análise evidencia que a escrita de Levi produz imagens narrativas capazes de evocar visualidades intensas do espaço vivido, aproximando-se de processos de representação frequentemente associados às linguagens visuais, audiovisuais. Dessa forma, a narrativa testemunhal funciona como um dispositivo de mediação entre memória e representação, permitindo que o leitor se torne também um observador dessa paisagem traumática. Assim, o testemunho de Levi revela que a paisagem não se limita à representação da natureza ou do território, mas constitui um constructo cultural que expressa experiências históricas, memórias coletivas e disputas de significado. Ao transformar a experiência do campo em narrativa, o autor contribui para preservar a memória da violência e para reafirmar a importância do testemunho como forma de resistência ao esquecimento e de reconstrução da identidade humana.

Palavras-chave: Paisagem; memória; identidade; representação; testemunho.

Pesquisadora baiana e nordestina na área de Letras e Educação. Doutoranda em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (Campus II). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2011), além de graduação em Letras e Geografia. É Mestra em Crítica Cultural pela UNEB, Campus II, vinculada à Linha de Pesquisa 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Possui especializações em Psicopedagogia (2011), Educação Científica e Popularização das Ciências pelo Instituto Federal Baiano (2018), Políticas Públicas (2019), Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – com ênfase em Gestão (2020), Metodologias Ativas pela Universidade Federal do Vale do São Francisco e Estudos Africanos. Atua como coordenadora pedagógica no Centro Técnico de Educação Profissional em Alagoinhas (BA) e como docente no curso de Pedagogia da Faculdade Santíssimo Sacramento.

PAISAGEM COMO ELEMENTO COMUNICADOR/ CONSTRUTOR DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E DO SER HUMANO EM *OS SERTÕES* E *DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL*

Maria Cláudia Bachion Ceribeli (Instituto Federal do Espírito Santo)

Uma investigação das imbricações da paisagem em *Os sertões*, de Euclides da Cunha (2019) e em *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha (1964; 1965; 1997; 2004), revela a estreita relação entre ela, o meio, e o ser humano que o ocupa. A partir da paisagem sertaneja euclidiana, elemento intimamente relacionado ao homem e à terra, constituiu-se um espaço geográfico que passou a definir características não apenas de um território, mas de uma cultura e de um povo. Na obra glauuberiana, a paisagem de *Os sertões*, utilizando signos característicos da linguagem cinematográfica, é reforçada como forma de expressão e mecanismo de comunicação, mantendo o horizonte de expectativas iniciado com o texto literário (Ceribeli, 2024a; 2024b). Paisagem, em ambas as obras, *Os sertões* e *Deus e o diabo na terra do sol*, não se restringe, desta forma, aos elementos físicos que podem ser observados no território ao qual está relacionada, mas em aspectos que dizem respeito a fatos, pessoas, memórias e tempos históricos (Ceribeli, 2024a). Essa abordagem encontra respaldo na ideia de paisagem como a concebem Georg Simmel (2009), Augustin Berque (2010) e Michel Collot (2012; 2013). Numa leitura comparada entre o livro e o filme conclui-se que, em Euclides e Glauber, a paisagem é linguagem e mecanismo de comunicação artística, não se restringindo ao que se apresenta aos olhos do observador; não é elemento passivo que faz papel secundário numa cena, assim como não serve de “fundo” para a narrativa literária; ela é voz ativa na construção do espaço geográfico e do ser humano que a ele está relacionado.

Palavras-chave: Paisagem linguagem; Os sertões; Deus e o diabo na terra do sol; paisagem.

Doutora em Letras na área de concentração dos Estudos Literários, na Universidade Federal do Espírito Santo (2024). Mestrado em Letras na área de concentração dos Estudos Literários, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2019). Especialista em Ciências da Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e pela Università Ca' Foscari Venezia. Licenciatura Plena em Educação Artística pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Docente desde 1984, tendo atuado até 2004 na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e, a partir de 2005, na Secretaria da Educação do Estado de Goiás, onde permaneceu até 2010. Entre 2011 e 2015, atuou como professora de Arte no Estado do Espírito Santo. Atualmente é professora efetiva de Arte no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), atuando como coordenadora do Núcleo de Arte e Cultura do Campus Piúma, de 2016 a 2021 e a partir de 2024.

ÁRVORES, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: CRUZAMENTOS ENTRE A LITERATURA LATINA E A LITERATURA ORAL

Alexandra de Brito Mariano (Universidade do Algarve)

A paisagem pode ser entendida como uma realidade simultaneamente material e perceptiva, isto é, não apenas como um conjunto de elementos físicos, mas como um espaço interpretado e vivido pelos seres humanos. Partindo desta perspectiva, procuraremos compreender como as árvores participam na construção, leitura e significado da paisagem.

Componentes fundamentais da paisagem natural e cultural, as árvores têm desempenhado um papel significativo como temas e personagens das narrativas humanas, tanto nas tradições orais como nas escritas, continuando a estar presentes em práticas narrativas em todo o mundo. Muitas revelam mais sobre as pessoas que as narram, os contextos culturais e as ontologias dominantes nas quais essas histórias se inserem, do que sobre as suas reais qualidades e potencialidades botânicas.

Partindo da clarificação sobre as diferentes concepções de lenda e de mito, quer no domínio da Antropologia, quer no dos Estudos Clássicos, analisaremos algumas narrativas em que as árvores assumem um papel central. Tomaremos como ponto de partida o mito clássico de Dafne (“loureiro” – Ovídio, *Met.*, I, 452–467) e avançaremos

para versões inéditas de lendas do Arquivo Português das Lendas (APL), à guarda do Centro de Estudos Ataíde Oliveira-UAlg., nomeadamente versões de lendas do Ribatejo (oliveira – texto 1), do Algarve (alfarrobeira – texto 2) e de Trás-os-Montes (freixo – texto 3), procurando avaliar a vitalidade desses testemunhos, bem como a forma como as árvores são elementos identitários da comunidade, revelando-se igualmente essenciais na leitura cultural e simbólica da paisagem.

Palavras-chave: Paisagem cultural; árvores; literatura latina; literatura oral; património cultural imaterial.

Alexandra de Brito Mariano é licenciada em Línguas e Literaturas Clássicas, mestre em Literatura Latina Medieval pela Universidade de Lisboa e doutora em Literatura e Cultura Clássicas pela Universidade do Algarve. É Professora Auxiliar na Universidade do Algarve, investigadora integrada do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e colaboradora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. Realizou numerosas conferências e escreveu artigos, capítulos de livros e livros. Tem estudado e traduzido obras (diretamente do latim), como o *Itinerário de Egéria*, o *Elogio da Loucura* de Erasmo e *As minas de ouro do Brasil* de José Basílio da Gama (agraciada com um prémio pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias em 2025). Interessa-se pela literatura latina europeia e brasileira, pela tradução, pela recepção da antiguidade na época contemporânea, nomeadamente em narrativas orais.

DEREK WALCOTT POR DEREK WALCOTT: PAISAGENS MEDIADORAS EM *OMEROS*

Pedro Emanuel Quintino de Sousa (UAlg/CIAC)
Neuza Costa (UAlg/CIAC)

O poema épico *Omeros* (1990), de Derek Walcott, utiliza paisagens territoriais (Santa Lúcia) e marítimas (o mar e o Oceano Atlântico) como espaço de mediação para refletir sobre os principais temas do poema: o colonialismo e as suas consequências, a coexistência entre memória e versões oficiais da História, e a herança multilíngue, convergindo todos no conceito de identidade. O autor concebe a paisagem como testemunha ativa e ética – o elemento que precede e sobrevive à História e à apropriação coloniais. Esta apresentação explica como a paisagem medeia o colonialismo e o pós-colonialismo, a memória, a História, a língua e a identidade. Recorrendo aos ensaios de Derek Walcott (“What the Twilight Says”, “The Muse of History” e “The Antilles”), não como teoria externa aplicada ao poema, mas como reflexões que partilham o mesmo princípio imaginativo e político de *Omeros*, a leitura conjunta dos ensaios e do poema épico como teoria e prática revela como Walcott concebe a poesia e a paisagem como um ato político e epistemológico, recusando o apagamento colonial e resistindo à idealização nostálgica. A paisagem – territorial e marítima – torna-se, por isso, o terreno sobre o qual se articulam a identidade caribenha e santa-lucense.

Palavras-chave: Derek Walcott; paisagem; colonialismo; memória; história.

Pedro Quintino de Sousa é Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, onde leciona desde 2015 unidades curriculares nas áreas de língua e cultura inglesas, literaturas de língua inglesa e comunicação académica. Doutorado em Literatura pela Universidade do Algarve (2016), com uma tese sobre a obra de Gonçalo M. Tavares, é investigador integrado no CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação. A sua atividade científica centra-se nos estudos literários, na pedagogia de línguas e nos estudos plurilíngues no ensino superior, tendo participado nos projetos Erasmus+ TE-Con3 e APATCHE. É membro do corpo editorial da LIT&TOUR – International Journal of Literature and Tourism Research e colaborador do consórcio SEA-EU. Subdiretor da Licenciatura em Línguas e Comunicação Intercultural.

Neuza Costa (Doutorada, 2016) é Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Leciona unidades curriculares de Língua e Cultura Inglesa, Cultura Anglo-Americana, e Escrita Académica. Desde 2016, é investigadora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) da Universidade do Algarve. A sua investigação centra-se na construção da identidade em comunidades de imigrantes, no plurilinguismo e multilinguismo, no multiculturalismo, na aquisição e manutenção da primeira e da segunda língua, bem como no ensino e aprendizagem do Inglês como Língua Estrangeira (ILE).

Painel 2: Paisagem, Língua e Identidades Contemporâneas

Sala 2.37, Edifício 1

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PELA ÓTICA DA CULTURA HIP-HOP

Leonardo Araújo (Leo Papel) (Universidade do Algarve)

Este projeto propõe a estruturação de uma metodologia de criação e produção audiovisual orientada pelos pilares estéticos, artísticos e sociais da Cultura Hip Hop. A investigação fundamenta-se na prática profissional e pedagógica de Leonardo Araújo (Leo Papel) ao longo de mais de duas décadas. A partir de experiências empíricas na produção de documentários, videocliques e vídeos experimentais independentes realizados com a sua produtora, *Cogumarola Produções*, o projeto busca sistematizar um método de fazer cinema periférico, horizontal e colaborativo. O desenho metodológico propõe a transposição direta dos quatro elementos tradicionais do Hip Hop (DJ, MC, Breaking e Graffiti) e do seu quinto elemento (Educação/Conhecimento), ressignificando as fases tradicionais do fluxo de trabalho do cinema (pré-produção, produção e pós-produção). Sob essa ótica, o som (DJ) passa a guiar a atmosfera sonora, seja na composição de trilhas, *sound effects*, *folleys*, montagem e edição; a escrita e atuação do (MC) na criação de guiões, performances e a criação do *rap* como elemento narrativo; o território como set, o (Breaking) redefine as dinâmicas físicas e corporais, na direção da composição cênica e coreografia; e a identidade visual e o acabamento estético, nos figurinos e na cenografia, o (Graffiti) orientam a direção de arte. Adota-se a pesquisa-ação como estratégia central, analisando a prática das produções independentes já realizadas e a pedagogia desenvolvida no curso de videocliques como um laboratório de criação onde funções rotativas, improvisação, criação partilhada e processos de montagem coletiva dão autonomia técnica a estudantes e profissionais, e validam métodos da essência da cultura Hip Hop ao mercado audiovisual. A relevância científica e artística desta pesquisa reside em legitimar e organizar os saberes e práticas originários das artes das ruas, apoiando-se na essência de uma cultura emergente no desenvolvimento de um modelo de criação audiovisual academicamente reconhecido e replicável.

Palavras-chave: Audiovisual; processos; criação; arte urbana; hip hop.

Leonardo Araújo (Leo Papel) é filmmaker, montador e produtor. Radialista formado em Rádio e Televisão pela Belas Artes de São Paulo, atualmente é mestrando em Processos de Criação pela Universidade do Algarve. Como professor realiza cursos e oficinas de produção de vídeos. Também é atuante da Cultura Hip Hop desde 2003 como rapper e produtor musical, além de desenvolver projetos sociais e ações colaborativas em parcerias com associações culturais através do audiovisual.

A PAISAGEM IDEAL E A CONTEMPORANEIDADE

João Minhoto Marques (Universidade do Algarve)

Neste trabalho estudar-se-á o modo como a paisagem irlandesa é problematizada no filme *The quiet man* (1952), de John Ford. Para tal, considerar-se-ão modelos clássicos literários de constituição do espaço (que o filme não parece ignorar), para se compreender a tensão por eles gerada no plano discursivo e assumidamente ideológico. Assim, mais do que se ler tal tensão como apenas um resultado esperado das estratégias narrativas que o filme constrói, deve considerar-se o efeito produzido pela desconformidade dos referidos modelos em relação ao tempo em que ele se inscreve. De facto, a compreensão da contemporaneidade e as interrogações que lhe são inerentes circunscrevem o âmbito da reflexão proposta pelo filme – não só no que diz respeito à mensagem política, como no que se refere ao pensamento subjacente a esquemas interpretativos postos em causa pela obra. Nesta, a paisagem institui-se como lugar privilegiado de uma ideia de espaço porventura atávica (como, aliás, alguma estética defende), e como lugar de uma outra, mais atenta ao homem e à sua relação com o mundo, permitindo, por isso, a irrupção da experiência do tempo humano. Compreender em que consiste a paisagem ideal proposta pela obra de John Ford constitui, portanto, o objecto deste estudo.

Palavras-chave: Paisagem; natureza; contemporaneidade; cidade; exílio.

João Minhoto Marques é licenciado e mestre pela Universidade de Lisboa e doutorado em Literaturas (especialidade de Literatura Portuguesa Contemporânea) pela Universidade do Algarve. Foi bolseiro de investigação pelo ICALP e integrou a equipa responsável pela elaboração do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, no Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa. É professor na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve. Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) e colaborador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC). A sua investigação tem-se centrado sobre as literaturas portuguesa e brasileira, da época moderna e contemporânea. Para além da publicação de artigos em revistas e livros, editou Obras de Cândido Guerreiro (2 volumes, em 2013 e 2014) e o Cancioneiro Popular do Concelho de Loulé (5 volumes, em 2021). Coordena, pelo CLEPUL, o projecto Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.

O TIKTOK COMO ARENA DE IDENTIDADES EM DISPUTA. O QUE PODEMOS APRENDER NAS REDES SOBRE A PERCEÇÃO SOCIAL DA LÍNGUA GALEGA?

Elías González López (CEG-UMinho)

A partir do vídeo de uma *tiktok* galega (@totakeki) reagindo aos últimos dados do número de falantes de galego que foram lançados pelo IGE, observamos as reações de usuários da plataforma em comentários. Desde a análise destes testemunhos observamos as ideologias linguísticas que se dão em Galiza em tempo real, e como o âmbito da glotopolítica serve para realizar uma interpretação da situação linguística em uma sociedade como a galega, utilizando a obra de autores e autoras que desenvolveram esta teoria contemporaneamente, como Arnoux (2000) ou Del Valle (2024).

A interseção de ideologias (Woolard 2012) e políticas linguísticas, estas últimas, desde uma perspectiva ampliada (Severo 2022), pode ajudar-nos a entender certas decisões quando vistas sob a perspectiva da análise crítica do discurso (Wodak & Meyer 2003). Porém, esta análise multidimensional fica limitada sem adicionar a lente amplificadora da glotopolítica, que ajuda a uma compreensão de como se estruturam em uma determinada sociedade questões como hierarquia e poder. Assim, nesta breve apresentação pretendo demonstrar como algo que pode ser visto como uma simples troca de comentários numa rede social vira, no final das contas, uma cena glotopolítica que ajuda a compreender as inércias sociais em volta das línguas e de como estas plataformas podem tornar-se uma arena de disputa das identidades e da percepção destas, mudando-as ou reforçando-as a depender da resposta que as pessoas percebem ao seu discurso.

Palavras-chave: Galego; sociolinguística; glotopolítica; análise do discurso; ideologias linguísticas.

Elías González López possui graduação em estudos de galego e espanhol pela Universidade de Vigo e mestrado em educação para o ensino secundário especializado em ensino de línguas oficiais na mesma universidade. Em 2026 defende a sua tese no programa de doutoramento em linguística da Universidade de Santiago de Compostela intitulada: “Aproximación a situación da lingua no ensino secundario a partir do discurso de profesorado de lingua e literatura galegas”. Desde 2025 é leitor de galego na Universidade do Minho e atua como professor de língua portuguesa na Universidade de Vigo.

PAISAGEM LINGUÍSTICA E ECOLOGIA EPISTÉMICA

Manuel Célio Conceição (UALg/CIAC)

A comunicação propõe uma reflexão sobre a paisagem linguística como dimensão estruturante das ecologias contemporâneas de identidade, diversidade e produção de conhecimento. Partindo da ideia de que a paisagem – natural, urbana, institucional ou digital – é sempre atravessada por práticas linguísticas que configuram modos de percepção e pertença, analisa-se como a visibilidade das línguas participa na construção de comunidades inclusivas e na distribuição de

legitimidade epistêmica. A paisagem linguística é entendida como ecologia simbólica, onde coexistem línguas dominantes, línguas minoradas, línguas de mobilidade e línguas de ciência, revelando tensões entre hegemonia e pluralidade.

Exploraremos como a diversidade linguística, quando reconhecida e valorizada, contribui para processos de identidade coletiva, inclusão e justiça epistêmica, permitindo que diferentes comunidades acessem, interpretem e produzam conhecimento em condições equitativas. Discutiremos ainda como a invisibilização linguística opera como mecanismo de exclusão, afetando a circulação de saberes, a participação pública e a construção de paisagens cognitivas mais justas.

Articulando paisagem linguística com ecologia do conhecimento, mostraremos como comunicação de ciência – em universidades, centros de investigação, museus, espaços públicos e plataformas digitais – é profundamente moldada pelos regimes de visibilidade das línguas. Propõe-se uma perspectiva de análise que integra densidade linguística, indexicalidade, diversidade ecológica e coerência inclusiva.

Concluiremos que a paisagem linguística, enquanto dispositivo de percepção e identidade, constitui um elemento central para compreender como se podem promover ecologias mais diversas, inclusivas e epistemicamente justas.

Palavras-chave: Paisagem linguística; identidade e inclusão; ecologia do conhecimento; justiça epistêmica.

Foi vice-presidente do Conselho Europeu das Línguas entre 2013 e 2015 e depois presidente entre 2015 e 2017, sendo atualmente presidente ex officio e representante do CEL/ELC na European Alliance for Social Sciences and Humanities (EASSH), de que foi fundador. Foi até 2023 presidente da Rede Lexicologia, terminologia e tradução da Agence Française de la Francophonie. É membro da comissão científica da Rede Panlatina de Terminologia (REALITER), da Associação Internacional de Linguística do Português (AILP) e membro da direção do Observatório de Terminologia e Política Linguística (OTPL) da Universidade Católica de Milão. É editor de European Journal of Language Policy e ainda membro de comissões científicas de várias revistas especializadas de que se destacam Sustainable Multilingualism, , TRADTERM, Polissema, Plaisance, L'analisi linguística e letteraria, Linguarum arena, Sciences de l'homme, e exerce funções de avaliador de bolsas e de projetos de investigação em agências/fundações de vários países da Europa e de programas europeus.

É o coordenador do grupo de comunicação de ciência na Aliança Europeia de Universidades SEE – EU, Universidade Europeia dos Mares. No âmbito da mesma aliança, integra o grupo de trabalho relativo às políticas de línguas e gestão do multilinguismo.

Representa a SEA EU no grupo especializado sobre o multilinguismo no consórcio das Alianças Europeias de Universidades.

Leciona Unidades curriculares de linguística portuguesa e francesa, linguística geral, de terminologia e de políticas linguísticas e seminários de teorias das ciências da linguagem e de metodologia de investigação. Participou em vários projetos europeus tais como LANQUA, MAGICC, DYLAN, MIME, LISTIAC.

A convite da Inspeção Geral de Educação e Ciência é perito avaliador no âmbito da avaliação externa de escolas e no âmbito da ANQEP é perito avaliador de sistema de qualidade de escola profissionais.

A República Francesa distinguiu-o com o grau de cavaleiro da ordem das Artes e das Letras (2013) e de oficial da mesma ordem em 2023. O Município de Faro atribuiu-lhe em 2016 a medalha de honra da cidade – grau ouro.

Painel 3: Paisagem Urbana e Espaço Público

Sala 1.37, Edifício 1

O *MANGUE* COMO PAISAGEM POLÍTICA: MODERNIZAÇÃO URBANA E REGIMES DE VISIBILIDADE NO RIO DE JANEIRO online

Marize Moreno de Carvalho (Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF)

O álbum *Mangue* (1943–1944), editado por Murilo Miranda e publicado pela R.A. Editora, reúne textos de Jorge de Lima, Mário de Andrade e Manuel Bandeira em torno da produção de Lasar Segall sobre a região do Mangue, no Rio de Janeiro. Este trabalho propõe analisar o álbum como dispositivo estético e crítico que inscreve a paisagem urbana enquanto categoria cultural e política, articulando modernização, marginalidade e regimes de visibilidade. Ao pensar o Mangue, pensa-se a antiga capital brasileira no limiar entre heranças escravocratas e projetos de modernidade, onde reformas urbanas e políticas sanitárias redesenham o território e produziram novas formas de habitar – e de excluir.

A partir das reflexões de Bruno Carvalho sobre a Cidade Nova e de Griselda Pollock acerca das iconografias da modernidade, argumenta-se que a representação do Mangue tensiona os limites entre visível e invisível, centro e periferia, moralidade e espetáculo. O bairro, transformado em zona de prostituição por decisões estatais, emerge no álbum não apenas como espaço de degradação, mas como território de sociabilidade, cultura popular e produção artística. As peregrinações noturnas de Segall evidenciam um interesse pelo testemunho da injustiça social, deslocando o olhar da erotização para a denúncia.

Assim, o álbum *Mangue* permite compreender a paisagem urbana como construção simbólica e campo de disputa, revelando como as transformações do território no início do século XX engendraram novos modos de habitar, narrar e imaginar a cidade.

Palavras-chave: Paisagem urbana; modernidade; Mangue; prostituição; Lasar Segall.

Marize Moreno, atualmente, é professora substituta no curso de Artes Visuais da UFJF. Mestra em Artes, Cultura e Linguagens pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com orientação da professora Renata Zago e dissertação intitulada *Mulheres, modernidade e imagens: caminhando pelo mangue de Lasar Segall*, desenvolvida com bolsa CAPES (2020–2022). É Bacharela Interdisciplinar em Artes e Design e Bacharela em Artes Visuais pela UFJF. Atuou no Setor Educativo do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) como bolsista de Treinamento Profissional (2018–2020). Desenvolveu pesquisa de iniciação científica sobre crítica feminista na história da arte no Brasil, sob orientação de Paula Scamparini Ferreira, e participou de projetos curatoriais e ações educativas em arte. Também integrou o projeto de catalogação da coleção de artes plásticas de Murilo Mendes. Tem interesse em gravura, produções de mulheres artistas e arte-educação.

PAISAGEM COMERCIAL DE SANTIAGO DE COMPOSTELA. ANÁLISE MULTIMODAL DAS MONTRAS FÍSICAS DO COMÉRCIO LOCAL

Zósimo López Pena (GALABRA-USC)

Carlos Pazos-Justo (CEG-UMinho)

Esta investigação analisa multimodalmente montras de comércio locais da cidade de Santiago de Compostela, com o objetivo de identificar os significados comunicativos construídos através da combinação de diferentes modos semióticos presentes nos espaços comerciais físicos. O estudo enquadra-se no projeto “Discursos, imagens y prácticas culturales sobre Santiago de Compostela como meta de los caminos de Santiago” da rede Galabra (Universidade de Santiago de Compostela) e baseia-se num corpus composto por 203 fotografias de escaparates

recolhidas durante a realização de questionários qualitativos aplicados a 400 estabelecimentos comerciais entre novembro e dezembro de 2023.

Do ponto de vista teórico, a investigação adota uma perspectiva multimodal inspirada na semiótica social de Gunther Kress e Theo van Leeuwen, complementada por contributos da semiótica visual, da análise de conteúdo e da antropologia visual. A metodologia combinou análise qualitativa de imagens com o uso da inteligência artificial, através da plataforma Vertex AI e da API Gemini, utilizada para sistematizar descrições dos elementos visuais dos escaparates.

Os resultados revelam uma grande diversidade de produtos e serviços representados nas montras, incluindo alimentação, vestuário, livrarias, brinquedos, artigos para o lar e serviços especializados. Observou-se igualmente a presença de diferentes línguas nos textos expostos, com predominância do galego, seguido do castelhano e do inglês, especialmente em espaços orientados para o turismo. A temática do Caminho de Santiago aparece associada a determinados estabelecimentos dirigidos a visitantes e peregrinos. Conclui-se que as montras configuram uma paisagem comercial com dimensões identitária, cultural e comercial, refletindo dinâmicas sociolinguísticas e turísticas da cidade.

Palavras-chave: Santiago de Compostela; análise multimodal; paisagem comercial.

Zósimo López Pena é Professor Permanente Laboral e membro do grupo de investigação Galabra, na Universidade de Santiago de Compostela onde desenvolve a sua atividade académica na área da Didática da Língua e da Literatura. A sua investigação centra-se na multimodalidade, na análise do discurso, na cultura popular galega e nas relações entre comunicação, identidade e território.

Carlos Pazos-Justo é Professor Associado e membro do grupo Galabra-UMinho na Universidade do Minho. A sua investigação tem-se centrado nas relações entre as narrativas e as práticas particularmente no quadro relacional hispano-português e galego-português.

A DISPUTA DA PAISAGEM NO DOCUMENTÁRIO *APENAS O SOL*, DE ARAMI ULLÓN

**Francielli Cristina Campiolo (Universidade
Federal de Santa Catarina – UFSC)**

A comunicação tem como objetivo elucidar a representação da paisagem do Chaco paraguaio no documentário *Apenas o sol*, da cineasta Arami Ullón. A produção coloca em evidência os problemas decorrentes da divisão do território pelo Estado na tentativa de amenizar as desigualdades sociais e económicas dos indígenas ayoreo. As paisagens tendem a formar um imaginário de terra improdutiva, onde o vento só sopra pó, para mostrar o local destinado aos indígenas; em contrapartida, vê-se a terra fértil apropriada pelo grupo religioso menonitas e por produtores de gado. A análise tem respaldo nos estudos sobre anti-colonialismo, de pensadores como Sílvia Rivera Cusicanqui, Carlos Pereda e Pablo González Casanova, e também de Ailton Krenak. Ullón lançou o documentário em 2020, depois de sete anos de elaboração. O enfoque está em Mateo Sobode Chiqueno, um documentarista que vive no assentamento de Campo Loro, na região do Chaco (Norte do Paraguai). O resultado perpassa a perspectiva de mundo dos Ayoreo, as atuais condições em que vivem e a nostalgia do que poderia ter sido, caso tivessem o direito de permanecerem em seu território ancestral como caçadores-coletores seminômades. As cenas também exploram a cosmovisão desta etnia quanto à conservação dos bens naturais. A terra, o ambiente em que se habita, e também a floresta e o monte são chamados por eles de eami. A natureza os alerta de tudo e, ao perder o território, ocorre a perda de todo o seu mundo. Para eles, não existe hierarquia entre humanos e não-humanos. Então, vivem de encontro com o que acreditam.

Palavras-chave: Anticolonialismo; território; indígena ayoreo; Chaco paraguaio.

Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de pesquisa Estudos Literários e Culturais Latino-americanos. Mestra em Jornalismo pela mesma universidade, especialista em Comunicação Popular e Comunitária pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro).

Painel 4: Cinema, Cidade e Crise Socioambiental

Sala 2.37, Edifício 1

LA CONSTRUCCIÓN DEL PAISAJE DE LA RAMBLA DE MONTEVIDEO A PARTIR DE LA MIRADA DEL CINE DE FICCIÓN online

Sandra Segovia Lucas de Olivera (Universidad
de la República-FADU – Udelar)

El cine cambió radicalmente la relación espacio-temporal de la percepción, proponiendo al espectador una nueva experiencia del mundo a partir de imágenes en movimiento. Por otra parte, ha representado el espacio urbano desde sus orígenes, ya sea como fondo o escenario, incluso hasta como un personaje más, siendo la ciudad una de las locaciones por excelencia. El brevísimo registro filmico que realiza Louise Le Prince en 1888 desde una ventana de un edificio, representa un sector del Puente de Leeds en Inglaterra. Allí capta el espacio en perspectiva, las dinámicas de las actividades cotidianas y una sutil bruma que confiere al paisaje una atmósfera de actividad intensa.

En la investigación en desarrollo cuestiona: ¿Qué ciudad nos devuelve el cine? ¿Cuáles son los paisajes representados y qué características presentan? Se indaga en la representación filmica de los espacios públicos de Montevideo (Uruguay), considerados trascendentales para la vida urbana, ya que son ámbitos de convivencia y de integración con las demás personas, donde se encuentra el sentido de comunidad.

En las primeras décadas del siglo XXI se da en Uruguay un fenómeno que algunos autores denominan el *boom* del cine nacional, que refiere a una extensa producción cinematográfica con reconocimiento local e internacional. Se analizan multidimensionalmente los largometrajes que presentan escenas filmadas en espacios públicos y se reconocen tres espacios reiteradamente filmados, de los cuales uno de ellos es la Rambla.

La Rambla de Montevideo, una cinta de 23 kilómetros de largo oficia de encuentro entre el agua y la tierra, fue diseñada como borde costero con ciertas características físico, materiales y morfológicas. La representación en el cine de este gran balcón al mar deviene en paisaje, en el cual se imbrican naturaleza y cultura. Se propone conocer los espacios públicos bajo otras miradas que aporten a su sostenibilidad ambiental, económica y social.

Palabras clave: Espacio público; paisaje urbano; representación; horizonte.

Arquitecta por la Facultad de Arquitectura (Udelar, Uruguay), Magíster en Diseño del Paisaje (UPB, Medellín, Colombia), Candidata a Doctora (Doctorado de Arquitectura, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Udelar, Uruguay). Desarrolla actividad docente desde el 2004 a la fecha, actualmente es docente en el Departamento de Proyecto de Arquitectura y Urbanismo, Instituto de Proyecto (FADU, Udelar, Uruguay). Su tesis doctoral aborda la representación del paisaje urbano a través de la filmografía de ficción de los espacios públicos de la ciudad de Montevideo. Desde el año 2000 a la fecha realiza trabajos como profesional independiente en proyecto y dirección de obra de arquitectura, paisaje y espacios públicos. Ha participado en concursos de proyecto y anteproyecto de arquitectura y como asesora en paisaje para diversos equipos de profesionales.

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE UMA PAISAGEM DEVASTADA (MACEIÓ, BRASIL) online

Victor Cassella (Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados-Ufal)

Igor Peixoto (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Doutorado Cidades, Ufal)

Wanderson Barbosa (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Doutorado Cidades, Ufal)

Roseline Vanessa Santos Oliveira (Universidade Federal de Alagoas – Ufal)

Este trabalho trata de produtos audiovisuais como dispositivo de mediação estética e política na produção de narrativas em contextos de colapso socioambiental, articulando memória, identidade cultural e a paisagem enquanto linguagem e mecanismo de comunicação artística. Ancorado nas reflexões de Walter Benjamin sobre a historicidade dos regimes de percepção, e em diálogo com Vilém Flusser e Georges Didi-Huberman, o estudo problematiza a imagem como operador de sentido, tensionando as relações entre visibilidade, memória e experiência. A pesquisa parte do mapeamento de produções amadoras e profissionais sobre o desastre em Maceió (Alagoas, Brasil), que tem diretamente afetado cinco bairros historicamente impactados pela extração de sal-gema, provocando instabilidade do solo e o deslocamento forçado de cerca de 70 mil pessoas desde 2018. Trata-se de um fenômeno sem precedentes, considerado o maior desastre em área urbana no mundo, com impactos sociais, urbanos, econômicos e patrimoniais profundos. Aborda-se cerca de 50 produtos do desastre enquanto constituição de um regime imagético marcado pela recorrência de testemunhos orais, vistas aéreas e iconografias da ruína. Embora tais estratégias ampliem a visibilidade do acontecimento, evidenciam também uma tendência à instrumentalização da paisagem, frequentemente reduzida à função ilustrativa, em detrimento de sua potência como linguagem sensível. Em um contexto em que a destruição territorial implica também apagamentos simbólicos que afetam identidades e pertencimentos, a “paisagem audiovisual” é aqui compreendida como construção cultural e superfície de inscrição, sendo concebida como “imagem-ambiente” que condensa temporalidades, afetos e memórias. O que se pode perceber nesse sentido é que, em contraposição às narrativas hegemônicas, o audiovisual emerge como prática crítica capaz de reinscrever experiências e produzir dissensos, operando a paisagem como espaço de enunciação e resistência estética.

Palavras-chave: Paisagem; audiovisual; desastre socioespacial; continuidade cultural.

Arquiteta e Urbanista, Mestre e Doutora pela Universidade Federal da Bahia, tendo realizado doutorado sanduíche e estágio pós-doutoral junto às universidades portuguesas. Foi professora efetiva do curso de Design (IFAL) e, desde 2008, integra o quadro docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, na qual atuou como coordenadora do seu Programa de Pós-Graduação. Compartilhou a liderança do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem por 20 anos e, atualmente, lidera o Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados, o qual integra a equipe do GAMMA-UFBA, trabalhando com a elaboração de material audiovisual de cunho didático e sociabilizador. Tem coordenado projetos de investigação no campo da identificação do patrimônio, abordando temas da história paisagística com foco em estudos empíricos. É autora e organizadora de livros e de capítulos de livros, todos vinculados a editais públicos, e sua produção acadêmica tem sido divulgada em eventos nacionais e internacionais, e em inúmeras publicações em periódicos.

PAISAGEM, OLHAR E EXCLUSÃO: CINEASTAS NEGRAS NOS FESTIVAIS AUDIOVISUAIS BRASILEIROS

Sandra Santana da Costa (Universidade Federal da Bahia)

A modernidade cinematográfica construiu um regime de visibilidade com pretensões universais e fundamentos muito particulares. Quem vê, o que é digno de ser visto, quais corpos habitam a paisagem como sujeitos e quais existem apenas como fundo – essas escolhas não são neutras. As respostas que o cinema foi consolidando ao longo do século XX carregam as marcas de uma ordem colonial de raça e gênero que não ficou no passado. No espaço ibero-americano, o Atlântico não opera apenas como geografia: é a paisagem histórica onde essa hierarquia do olhar foi inscrita e transmitida, mas também onde a diáspora africana construiu outras relações com o visível e com a memória. O cinema negro brasileiro se situa nessa tensão. Quando cineastas negras assumem a câmera, o que está em disputa é a gramática do visível: os critérios pelos quais uma imagem se torna legível, reconhecível, legítima dentro do campo audiovisual. Este trabalho examina a posição dessas cineastas no circuito de festivais audiovisuais brasileiros, tomando a sua (in)visibilidade institucional como sintoma de uma configuração histórica do olhar que persiste nas estruturas do campo. Os festivais funcionam como dispositivos de partilha do sensível, no sentido que Rancière deu a essa expressão: instâncias que decidem o que é perceptível e dizível, o que entra em quadro e o que fica de fora. A ausência do cinema negro no feminino como categoria reconhecida nos anuários e nos critérios de programação não é um dado residual. É produzida. O que este trabalho propõe é descrever os mecanismos dessa produção e situá-los na longa história de uma modernidade que organizou a paisagem audiovisual à imagem de um sujeito que nunca incluiu as cineastas negras brasileiras.

Palavras-chave: Cinema negro; cineastas negras; paisagem audiovisual; modernidade cinematográfica; diáspora atlântica; festivais audiovisuais.

Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde desenvolve tese sobre cinema negro brasileiro, com foco na visibilidade das cineastas negras no circuito de festivais audiovisuais nacionais. Mestre pelo mesmo programa, é graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), com especializações em História e Cultura (UFS) e em Comunicação e Mídias Digitais (Fanese-SE). Membro do grupo de pesquisa e extensão Epistemologias da Subalternidade no Cinema Brasileiro Contemporâneo (UFBA/CNPq). Sua pesquisa articula teoria do campo cultural, feminismo negro interseccional e estudos de cinema negro, com interesse particular nos processos de legitimação do audiovisual brasileiro e nas políticas de visibilidade que incidem sobre a produção de mulheres negras no cinema.

Painel 5: Paisagem, Arqueologia e Memória Fílmica

Sala 1.37, Edifício 1

O DIABO DO ENTRUDO: O AUDIOVISUAL COMO MEDIADOR DA PAISAGEM EM LAZARIM (MEMÓRIA RITUAL E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA)

Helena Resende (CHAM-Universidade Nova de Lisboa)

Partindo do pressuposto de que o audiovisual não é somente um instrumento de registo, mas, sobretudo, um agente ativo de produção de sentido, pretende-se olhar o filme *O Diabo do Entrudo* enquanto dispositivo que representa, medeia e reconfigura a paisagem cultural de Lazarim, convidando a uma leitura que articula imagem, ritual, memória e identidade. Centrado na figura dos Caretos, e partindo de uma abordagem interdisciplinar, propõe-se compreender de que modo o audiovisual regista uma prática cultural e proporciona uma experiência sensorial que conecta o espectador à geografia e à história locais. A paisagem de Lazarim não é apenas um cenário, mas um personagem ativo que molda a narrativa do Diabo do Entrudo, e surge aqui como um espaço no qual corpo, máscara e comunidade se articulam numa performance cíclica. A mediação cinematográfica não se limita a documentar o ritual, mas intervém ativamente na sua valorização patrimonial e na reconfiguração do seu significado identitário. Possibilita, ainda, uma reflexão sobre o papel da paisagem na formação da memória e identidade coletivas. Ao converter a prática efémera do Entrudo em narrativa visual durável, selecionando imagens, sons e narrativas, o filme contribui para a sua inscrição no campo do património cultural e para a sua afirmação enquanto referência simbólica da identidade contemporânea da comunidade.

Palavras-chave: Paisagem cultural; audiovisual; representação; identidade; Entrudo.

Doutora em História, Investigadora Integrada do CHAM – Universidade Nova de Lisboa (Grupo de Investigação – Dinâmicas sociais, económicas e políticas).

Desenvolve investigação nas áreas da História Cultural e das Mentalidades (épocas moderna e contemporânea) e Expansão portuguesa (relacionada preferencialmente com a presença portuguesa no Japão), com participação em congressos, conferências e workshops; com publicações em obras conjuntas e revistas científicas, sendo, ainda, a autora do livro *América do Sul- Missões, Reduções e Bandeirantes* (2015, Leya).

Docente universitária durante mais de três décadas, em disciplinas relacionadas com a Expansão Portuguesa, Cultura Portuguesa, História Geral da Civilização e Ética.

DA ARQUEOLOGIA MARÍTIMA ÀS NARRATIVAS FÍLMICAS DA FOZ DO MONDEGO: PAISAGEM, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

**Marco Penajoia (Museu Municipal Santos Rocha/
Câmara Municipal da Figueira da Foz)**

A Foz do Mondego constitui um território singular na costa centro-atlântica portuguesa, historicamente modelado por atividades portuárias, piscatórias, industriais e agrícolas que moldaram a cultura material e imaterial das comunidades ribeirinhas. Até à Baixa Idade Média, esta região integrou um vasto “mar interior”, cujas oscilações fluviais, sedimentares e climáticas redesenharam profundamente a paisagem, condicionando formas de ocupação humana, práticas laborais e modos de subsistência.

Com o passar dos séculos, este espaço sofreu transformações estruturais que o conduziram a um processo de decadência portuária e crescente isolamento. A tensão entre a memória de um passado marítimo de grande escala e um presente rural marcado por pobreza, marginalização e constrangimentos geográficos constitui hoje uma chave interpretativa essencial para compreender a identidade socioterritorial do Baixo Mondego.

É neste contexto que o cinema – tanto o cinema amador como o cinema etnográfico, assume um papel central na construção de representações, narrativas e memórias da região. Os filmes *Arroz Negro* (José Madeira, anos 1970), *Uma abelha na chuva* (Fernando Lopes, 1972) e *Vidas Selvagens* (António Campos, 1978) oferecem testemunhos singulares de um território filmado a partir do seu interior marítimo. Através deles torna-se possível observar contrastes socioeconómicos profundos, práticas agrícolas e portuárias, técnicas tradicionais, dinâmicas comunitárias e a relação ambígua com um rio que, ora fonte de vida, ora força destrutiva, define a própria existência das populações locais.

Estes registos audiovisuais permitem, assim, abrir novas leituras da paisagem e da memória da Foz do Mondego, aproximando o olhar cinematográfico de outras formas de representação literária e sensível. Oferecendo um campo fértil para pensar a convergência entre cinema, literatura e território, articulando o imaginário da região com processos de transformação social, estética e identitária.

O diálogo entre arqueologia marítima/portuária, cinema, memória oral, arquivo institucional e representação fílmica permite, assim, construir uma leitura original do território.

Palavras-chave: Foz do Mondego; território litoral; memória fílmica; arqueologia portuária; imaginário marítimo.

Arqueólogo do Museu Municipal Santos Rocha – Município da Figueira da Foz, colabora como investigador no CHSC-UC. A sua atividade de investigação centra-se na Arqueologia do Baixo Mondego (território, formas e espaços de povoamento rural e urbano). Privilegia o estudo de áreas científicas da Arqueologia Portuária, Romana e da Alta Idade Média. Foi premiado pela Academia Portuguesa da História e distinguido pela FLUC com a obra *A Questão Portuária em torno de Montemor-o-Velho. Estudo de Arqueologia*. Obteve uma menção honrosa no Programa Newton – Projeto de Arqueologia e Património, promovido pelo Instituto Pedro Nunes e Turismo de Portugal. Em 2013 integrou o painel de conferencistas no Seminário de Arqueologia Naval e Subaquática na 15.ª Semana Cultural da UC. Recentemente publicou com Rui Cascão o livro *O porto e a barra da Figueira da Foz. Administração do Porto de Aveiro e Figueira da Foz*.

Participou em vários projetos fílmicos e foi dirigente associativo, onde integrou organizações culturais e patrimoniais em projetos apoiados pela DGArtes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9898-2062>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/portal/9E14-4B73-C7B3>

UC: <https://estudogeral.uc.pt/cris/rp83282>

COEXISTÊNCIAS TRANSTEMPORAIS – ESTUDO FOTOGRÁFICO SOBRE A PAISAGEM E A CARTOGRAFIA DAS LINHAS DE DEFESA DO ALTO MINHO

Hernâni Jorge Martins de Oliveira (Instituto Politécnico do Porto)

Esta comunicação está baseada no projeto *Coexistências Transtemporais*, propõe uma reflexão crítica sobre a forma como o tempo se inscreve e transforma a paisagem, utilizando como ponto de partida a articulação entre a cartografia histórica e a imagem fotográfica. O estudo centra-se na linha defensiva do Alto Minho, revisitando territórios cartografados pelo engenheiro-militar Manuel Pinto de Vilalobos no século XVIII, nomeadamente Melgaço, Monção, Valença, Vila Nova de Cerveira e Caminha.

A paisagem é aqui interpretada sob o conceito de palimpsesto, sendo entendida como um objeto de construção contínua onde camadas sucessivas de tempo se acumulam, se apagam parcialmente e se reescrevem sobre o território. Através de processos investigativos e criativos, o trabalho analisa como diferentes épocas coexistem no mesmo espaço físico, revelando contrastes, permanências e transformações nas formas construídas e nos

vestígios que perduram. Nesta perspectiva, o território transcende a sua entidade geográfica para se afirmar como um artefacto cultural e simbólico, onde se inscrevem visões do mundo, dinâmicas de poder e identidades.

A metodologia aplicada funde a investigação teórica com a prática visual, recorrendo ao conceito de geo(foto)grafia. A fotografia é utilizada como um dispositivo de leitura e ativação do tempo no espaço, funcionando como um arquivo que resiste ao desaparecimento da história e revela o que não é perceptível à superfície. Ao confrontar cartografias do passado com registos do presente, a comunicação propõe uma leitura do território como um lugar de cruzamento transtemporal, onde a imagem fotográfica atua como campo de diálogo entre temporalidades e instrumento essencial na construção da memória coletiva.

Palavras-chave: Cartografia histórica; território; fotografia; paisagem; palimpsesto.

Hernâni Jorge Martins de Oliveira (1983) é licenciado em Educação Visual e Tecnológica e Mestre em Cinema e Fotografia com especialização em Fotografia pela Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto.

O seu trabalho artístico e de investigação centra-se nas relações entre imagem, território e memória, explorando a fotografia como um instrumento de observação, narrativa e reflexão sobre os modos de habitar e transformar o espaço.

Ao longo do seu percurso académico e profissional, participa regularmente em exposições, projetos académicos e residências artísticas.

O seu último projeto, *Coexistências Transtemporais* insere-se neste percurso de investigação visual, procurando pensar o tempo como matéria visível na paisagem e nas suas permanências.

PAISAGEM, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: AS MANTAS COMUNITÁRIAS DE QUERENÇA

Ana Poeta (Universidade do Algarve)

Querença é um biospot de comunidade. Aqui teceram-se tramas em fios e em conexão. Durante o ano de 2025, um micélio de mulheres raiz produziu mais de uma dezena de mantas comunitárias de crochet. Começou com a manta *FLIQ*, oferecida a Lídia Jorge, que levou em si a materialização das cores da paisagem da aldeia. Depois nasceram centenas de pequenas rosetas, que operam como dispositivos políticos de resistência à desertificação rural e à fragmentação da vizinhança. Estes pequenos quadrados funcionam como paisagens tecidas que espelham identidade e evocação coletiva.

Ao ativarem memória, ecologia e comunidade, articulam a dimensão cultural defendida por Manuel Viegas Guerreiro com a consciência territorial e a valorização da cultura popular enquanto património, e ecológica associada a Manuel Gomes Guerreiro. Em Querença, a paisagem não é reflexo neutro da natureza, mas uma cicatriz cultural que molda a forma como vemos e nos relacionamos com o território.

Em Querença, percebemos que a paisagem não é apenas a serra e o barrocal, mas também o tecido social, a memória e o saber-fazer. A desertificação rural vai além da perda demográfica: é erosão simbólica e fragilização da identidade, porque, quando a comunidade enfraquece, a paisagem deixa de ser vivida e passa a ser apenas cenário.

É aqui que o gesto comunitário do tecer ganha dimensão política. Cada manta carrega paisagem, cartografia afetiva do território e metáfora material da comunidade. Cada roseta é singular e ganha mais sentido quando unida a outra.

As mantas tornam visível a paisagem cultural como construção coletiva e carregam o legado do arquiteto paisagista Fernando Santos Pessoa ao procurar preservar a paisagem.

Palavras-chave: Território; identidade; fio; paisagem; Querença.

Ana Poeta, cientista social.

Nasci no ano da safra vinícola de 1979 e escrevo-me entre a paisagem e a comunidade. Sou feita de lugar e de relação e sou ribeirense e do Sporting Clube de Portugal.

Encontro nos outros e nos fios desenhos uma paisagem viva, onde a memória se transforma em gesto e o gesto em futuro.

Licenciada em Animação Socioeducativa, mestre em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, com pós-graduação em Educação e Lazer – tudo pela Escola Superior de Educação de Coimbra.

Em 2025, atenta ao território de Loulé, onde a serra respira memórias e as mãos ainda sabem o tempo do crochet, iniciei o Mestrado em Processos de Criação, e no gesto repetido do fio encontro histórias, teço encontros, escutando o que permanece e o que se transforma.

Entre o digital e o íntimo, observo, participo e recolho fragmentos de um presente partilhado, onde tradição e reinvenção se entrelaçam.

Sou inquieta, inconformada, impertinente, hiperativa e com défice de atenção. Sou quem cultiva o sentimento de pertença e bebo de todas as pessoas que conheço.

Interessa-me o comum: o que se constrói devagar, em diálogo.

Painel 6: Paisagem, Território e Criação Sonoro-Visual

Sala 2.37, Edifício 1

DE ARRAKIS AO ALGARVE: A CULTURA MEDITERRÂNICA DA ÁGUA NO UNIVERSO FICCIONAL DE DUNE

Gonçalo Duarte Gomes (CHAIA-UÉ)

A série de livros *Dune*, da autoria de Frank Herbert, é uma das mais aclamadas obras de ficção científica da história. Ícone da cultura popular, estatuto reavivado pela recente versão cinematográfica, estreada em 2021, realizada por Dennis Villeneuve.

No entanto, para lá da componente de fantasia e espectacularidade comumente associada ao seu universo ficcional, *Dune* encerra uma dimensão muito mais profunda, de ecologia. Com o primeiro livro a ser publicado em 1965, num tempo em que a consciência ambiental era emergente (*Silent Spring*, de Rachel Carson, havia sido publicado 3 anos antes), Herbert inscreveu nesta saga muitas das preocupações que à data começavam a marcar a agenda: o aumento da população mundial, a escassez de recursos ou os problemas da poluição, entre outros.

Com assumida inspiração em zonas como o Cáucaso ou o Próximo e Médio Oriente (em sentido lato, os limites do Império Persa), muitos dos aspectos do universo de *Dune* são metafóricos, e na cultura expressa pelos povos nativos do planeta desértico de Arrakis são identificáveis traços totalmente reconhecíveis naqueles que marcam as tradições mediterrânicas rurais, principalmente ao nível de recursos essenciais, nos quais a água assume natural papel de destaque.

Assim, que paralelismo é possível estabelecer entre a ficção de *Dune* e, por exemplo, a realidade rural do Algarve, região que, não obstante o posicionamento atlântico, se assume vocacionalmente mediterrânica, recordando o postulado de Orlando Ribeiro?

Partilhará o Algarve “tradicional”, com Arrakis, uma cultura da água comparável? Mais, num tempo em que o ciclo climático tende a ampliar a incerteza no acesso à água, e em que se tornam fundamentais alterações nos paradigmas de consumo deste recurso, poderá a ficção científica de *Dune* constituir um poderoso (“integrado”, na terminologia de Umberto Eco), porque amplo e penetrante, meio de sensibilização semiótica para esta questão fundamental?

Palavras-chave: Mediterrâneo; gestão da água; cultura da água.

Licenciado e mestrando em Arquitectura Paisagista pela Universidade do Algarve, pós-graduado em Direito do Urbanismo e do Turismo pelo ICJP-CIDP, frequentou o Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem na Universidade de Évora.

Possui experiência em várias áreas de actuação profissional, no sector público e no privado, e enquanto profissional liberal, desde 2002. Hoje integra a Secretaria-Geral do Governo.

Desempenhou vários cargos directivos em estruturas associativas de ambiente nacionais e regionais, foi professor assistente convidado na Universidade do Algarve, e é investigador do CHAIA / Universidade Évora, com capítulos de livros e artigos de investigação e divulgação publicados em vários países.

Orador e moderador em eventos nacionais e internacionais, colabora regularmente na imprensa, foi fundador do think-tank algarvio Lugar ao Sul e é autor do livro *A doce melodia de um coro de mudos*, tendo ainda sido co-coordenador do livro *Faro 2027, e agora?*.

OUTROS MARES: A PAISAGEM COMO DISPOSITIVO ESTÉTICO NA PRODUÇÃO DA TRILHA SONORA online

Dinho Zampier (Músico e produtor)

Roseline Vanessa Santos Oliveira (Universidade Federal de Alagoas – Ufal)

Esta proposta de artigo trata de *Outros Mares*, um projeto de criação de trilha sonora realizado em um estúdio temporário instalado na zona rural do bairro de Riacho Doce, em Maceió, Alagoas, Brasil, concebendo-o como um experimento estético e metodológico no campo do audiovisual contemporâneo. A investigação parte da articulação entre prática artística, processo colaborativo e espacialidade, compreendendo a paisagem não apenas como cenário, mas como agente ativo na produção de sentido cinematográfico. A obra carrega uma estrutura de criação que se baseia na improvisação coletiva, na qual músicos convidados executaram as suas performances – trompete, violoncelo, flauta transversal, guitarra e vocalizações – sem acesso prévio às composições completas, articuladas por meio do teclado do produtor. Esse procedimento instaurou uma dinâmica de incerteza produtiva, na qual a criação sonora emerge como resposta imediata ao estímulo imagético, promovendo uma relação subjetiva indissociável entre escuta, visualidade e tempo de produção.

Assim, a experiência abrange perspectivas que compreendem a paisagem como construção cultural e dispositivo de mediação sensível entre sujeito e território, de maneira que a localidade de produção não se reduz a um suporte físico de gravação, mas opera como um “território performativo”, no qual natureza, arquitetura e prática artística se co-constituem. O resultado dessa experiência evidencia ainda a dissolução das fronteiras tradicionais entre produção, registo e representação, aproximando-se de uma estética do processo, em que o ato criativo é igualmente documento e obra. A trilha sonora, por sua vez, alterna entre passagens minimalistas e momentos de densidade rítmica, configurando uma cartografia sonora que dialoga com a paisagem litorânea e rural de Maceió.

Conclui-se que *Outros Mares* constitui um dispositivo híbrido entre cinema, música e território, no qual a paisagem deixa de ser elemento passivo de representação para se tornar estrutura geradora de experiência estética. O projeto evidencia, assim, novas possibilidades de compreensão do audiovisual como prática situada, em que som, imagem e espaço operam de forma integrada na construção de imaginários contemporâneos.

Palavras-chave: Audiovisual; paisagem; improvisação; trilha sonora; criação situada.

A proposta de artigo trata da produção de um compositor, produtor musical, arranjador e multi-instrumentista alagoano, com atuação destacada na cena musical brasileira contemporânea, especialmente em projetos que articulam música, cinema e experimentação sonora. A sua trajetória é marcada pela colaboração com diferentes formações artísticas, integrando bandas e projetos como Nigros, Figueroas e Otari, além de parcerias com artistas como Wado e Cris Braun. Atua também como produtor e diretor musical em trabalhos audiovisuais, explorando processos criativos baseados na improvisação, na escuta coletiva e na interação entre som e imagem. O seu interesse central está na investigação de linguagens híbridas entre música instrumental e narrativa cinematográfica, com ênfase em práticas situadas e processos colaborativos de criação. Na sua pesquisa artística mais recente, desenvolve trilhas sonoras produzidas em ambientes não convencionais, como espaços domésticos e paisagens naturais, procurando integrar território, memória e performance musical, além de aprofundar metodologias de improvisação coletiva. A sua produção evidencia uma abordagem experimental voltada para a relação entre paisagem, audiovisual e processos contemporâneos de criação sonora.

ALEGORIAS EM MOVIMENTO: O PALCO CARNAVALESKO COMO CINEMA VIVO E PAISAGEM SENSÍVEL online

Diego de Albuquerque Alves Moreira (UERJ)

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a paisagem como categoria estética e política a partir da alegoria carnavalesca brasileira. Em vez de tratá-la apenas como composição visual, parte-se da hipótese de que a alegoria opera como uma linguagem capaz de estruturar modos de ver e experimentar o espaço. Retoma-se, inicialmente, a

consolidação moderna da noção de paisagem no século XVIII, entendida como um constructo cultural que orienta formas de percepção e de relação com o mundo. A partir desse ponto, argumenta-se que, nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, a alegoria assume um papel central: mesmo efêmera, ela se configura como forma ao mesmo tempo performativa e monumental. Interessa, sobretudo, compreender como elementos como floresta, mangue, sertão, favela e cidade são convertidos em estruturas tridimensionais móveis. Essas estruturas não apenas compõem a cena, mas também organizam a experiência do público e participam da produção de sentidos coletivos.

O trabalho dialoga com estudos que pensam a paisagem como mediação entre o visível e o representado, aproximando contribuições da história da arte, da cultura visual e das teorias da performance. Nesse quadro, o desfile é abordado como um dispositivo sensorial e narrativo. Para a análise, são consideradas algumas alegorias apresentadas pela Estação Primeira de Mangueira, pela Acadêmicos do Grande Rio e pela Unidos do Viradouro. A nossa análise apoia-se em projetos cenográficos, registros audiovisuais e descrições de enredo, mobilizando procedimentos de análise formal e iconográfica.

Os resultados indicam que a paisagem carnavalesca funciona como um meio de expressão de identidade, memória e conflito, na medida em que dá forma a hierarquias sociais, cosmologias religiosas e disputas territoriais. Nesse sentido, o desfile pode ser compreendido como uma experiência próxima a um “cinema ao vivo”, em que o espectador percorre e habita a paisagem, participando ativamente da construção de sentido. Por fim, argumenta-se que a alegoria carnavalesca contribui para ampliar o debate contemporâneo sobre a paisagem, ao evidenciar o seu caráter sensorial e político na produção de identidades no contexto ibero-americano.

Palavras-chave: Alegoria; carnaval; paisagem; cenografia.

Mestrando em História da Arte, com pesquisa voltada à relação entre performance, cultura popular e visualidade no carnaval carioca sob orientação de Leonardo Bora e coorientação de Reginaldo Leite. Membro do Grupo de Pesquisas NUCLEAR (Núcleo de Livres Estudos em Arte e Cultura Contemporânea), vinculado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa CNPq, investiga a comissão de frente a partir da poética do Parangolé, articulando teoria da arte, estudos da performance e epistemologias situadas. Ex-jurado de comissão de frente da Série Ouro, possui experiência no ensino de Língua Portuguesa e Literatura no ensino médio, com atuação em currículos nacionais e internacionais.

Ex-julgador do quesito Comissão de Frente, da Série Ouro.

Dia 2 (11 de setembro)

Painel 7: Cinema e Paisagem: Mito, Natureza e Descolonialidade (I)

Sala 1.37, Edifício 1

DECOLONIAL LANDSCAPES AND ATLANTIC ECOLOGIES: RE-READING *O QUE ARDE* THROUGH GALICIAN PERIPHERALITY online

Mary Saha (Woxsen University)

This paper advances a decolonial ecocritical reading of *O que arde* by theorizing landscape as a historically produced, politically contested, and aesthetically mediated category within Galician cinema. Moving beyond its conventional treatment as scenic backdrop, the paper conceptualizes landscape as a site where visibility, memory, and environmental governance intersect, particularly within the Atlantic geocultural framework. It argues that the film reconfigures the cinematic gaze by foregrounding Galicia as a “minoritized Europe,” shaped by internal colonialism, linguistic marginalization, and uneven development.

Methodologically, the analysis combines close textual reading with decolonial theory and global ecocriticism, drawing on the work of Walter Dignolo and Boaventura de Sousa Santos to situate Galician ecological knowledge within a broader pluriversal epistemic framework. Particular attention is paid to the film's formal strategies—long takes, sparse dialogue, and an emphasis on more-than-human temporalities—which disrupt anthropocentric modes of representation and foreground alternative ways of perceiving ecological crisis.

The paper further interrogates the material and historical conditions shaping the Galician landscape, focusing on the expansion of eucalyptus monocultures under Francoist forestry regimes and their entanglement with transnational capitalist networks. In doing so, it demonstrates how the film exposes enduring colonial logics of extraction, environmental exploitation, and rural dispossession. By placing Galician cinema in dialogue with Ibero-American and Global South ecocritical traditions, this study positions peripheral Atlantic landscapes as critical sites for rethinking the relationship between environment, culture, and power. Ultimately, it argues that such cinemas expand contemporary understandings of landscape as a mediating dispositif through which the visible, the political, and the imagined are co-constituted.

Keywords: Atlantic ecocriticism; Ibero-American cinema; Galician landscape; decolonial environmental aesthetics; peripheral modernities.

Dr. Mary Saha is a distinguished academic with expertise in cultural studies, particularly focused on Hispanic countries. Currently serving as an Assistant Professor and chair of Ibero-American Studies and Academic Co-Ordinator of Galician Studies Centre at Woxsen University, Hyderabad, she brings over ten years of extensive teaching experience across diverse educational contexts. Dr. Saha earned her PhD in Spanish Language from Jawaharlal Nehru University, New Delhi, India, where her research critically examined the representation of women in Diego Rivera's oeuvre. Her professional background encompasses roles in interpretation, translation, and counseling. Fluent in Spanish, English, Bengali, and Hindi, Dr. Saha is dedicated to advancing cross-cultural understanding and academic excellence in language education.

TERRA, IDENTIDADE E SENTIDO DE PERTENÇA – (PERSPECTIVA: MERLEAU-PONTY): O FOGO GALEGO EM *O QUE ARDE* DE OLIVER LAXE E OUTRAS NARRATIVAS

André Veríssimo (UEMG & USC)

Adotando uma abordagem fenomenológica inspirada em Husserl e Merleau-Ponty, este trabalho suspende juízos normativos sobre “o que o cinema galego deve ser” para descrever o fenómeno tal como se apresenta à consciência: a tensão irresolúvel entre a terra como corpo vivo que sofre e o corpo humano que nela se dissolve. Analisando *O que arde* de Oliver Laxe em diálogo com *Trote* e *Trinta Lumes*, revela-se uma estrutura de sentido comum ao Novo Cinema Galego: a terra não é fundo paisagístico, mas protagonista orgânica e resiliente.

Mediante redução eidética, emergem quatro símbolos como presenças imediatas: a terra ferida (raízes carnais, eucaliptos invasores que “ahogan”); o fogo como duplo limite revelador da decadência rural necessária; o animal/corpo como dissolução da fronteira homem-natureza (planos dérmicos, trote animal); e o silêncio/vazio como presença ativa nos planos dilatados e elipses.

Estas aparições sustentam-se em contradições estruturantes que organizam o fenómeno: desaparecimento do rural versus necessidade dessa perda para a constituição identitária galega; antropocentrismo residual versus diluição homem/mundo; e hiper-localidade (Ancares, Courel) versus alcance universal/transvergente.

Reduzindo fenomenologicamente o conjunto, a essência invariante é o Novo Cinema Galego enquanto cinema substractivo do luto ecológico-identitário. Não celebra nem simplesmente denuncia: obriga o espectador a habitar o tempo da perda, onde a identidade se sente precisamente ao esvaír-se, enquanto a terra persiste no seu sofrimento. Em *O que arde*, esta experiência manifesta-se na crise do mundo rural lucense – despovoamento, incêndios recorrentes, monocultura de eucalipto e violência do “capitalismo verde” – condensada na sequência inicial das retroescavadoras.

O movimento filma, assim, a experiência vivida de pertencer a uma terra que nos sobrevive e nos arrasta na sua agonia.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; fenomenologia; Novo Cinema Galego; luto ecológico-identitário; terra e corpo.

M. André Pereira Veríssimo é licenciado em Filosofia e Filosofia da Educação (FFB-UCP), mestre em Filosofia (FCSH/UNL) e “Tesina” em Ciências Sociais (Universidade de Vigo), e doutor em Ciências Sociais (Comunicação, Psicologia Evolucionista e Ética) pela Universidade de Vigo. Foi investigador assistente na FLUP, no Departamento de Filosofia Moderna e Contemporânea, sob orientação de Maria José Pinto Cantista de la Fonseca, com um projeto em Antropologia da Dor e do Sofrimento, classificado como “Excelente”. Esta investigação fundamenta a defesa da *Razão Aldeã*, centrada na eficiência adaptativa face ao sofrimento e à desterritorialização tecnocrática. Realizou mestrado e investigação de doutoramento na FCSH/UNL (1991-1993 e 2016-...), colaborando com o CEDTUR e o CETRAD (FCT ID 4011), dedicando-se à *Ética Territorial* e à gestão dos bens comuns. Colaborou igualmente com a FDUP em Direito Natural e Filosofia Política, sob orientação de Paulo Ferreira de Cunha (UP).

O SENSORIAL, O MÍSTICO E A MORTE: EN TORNO DA PAISAXE CINEMATOGRAFICA DE OLIVER LAXE

Olivia Novoa Fernández (UALg/CIAC)

O novo cinema galego, etiqueta afianzada na década pasada pola crítica e na curadoria das obras de artistas galegos, mais tamén no ámbito institucional e académico, pon en foco a perspectiva do cineasta como autor e xerador dunha linguaxe cinematográfica propia e vangardista á marxe da industria audiovisual máis comercial (Martínez Martínez & Gallego Reguera, 2012; Redondo Neira, 2021). Nese contexto, os filmes de Oliver Laxe conseguiron traspasar as fronteiras dos circuitos alternativos, grazas ao éxito acadado con *O que arde* (2019) e, sobre todo, ao situar *Sírat* (2025) na carreira aos Óscar. Alén da vangarda, Laxe postula un cinema emancipador

cunha dimensión de servizo, atribuíndo ás personaxes unha misión que traspasa as fronteiras do terreal, no cal o espectador participa dese ritual. Nas múltiples entrevistas publicadas despois do éxito de *Sirat*, reafirma a dimensión espiritual e sensorial da súa obra, especialmente patente neste último filme. Na fronteira entre paradigmas clásicos e populares, como o western, o policíaco ou a road movie, e a narrativa máis vangardista, como o cinema contemplativo, a obra deste autor merece unha reflexión dende o ámbito académico galego. Partindo do sensorial, o místico e a morte, elementos que, no noso ollar, constitúen engraxes universais dunha linguaxe estética e narrativa propias, presentamos unha análise de *Sirat* que dialoga tanto coa idiosincrasia galega como a do autor, configurando unha paisaxe cinematográfica que transcende múltiples fronteiras.

Martínez Martínez, I. & Gallego Reguera, M. (2012). El Novo Cinema Galego, propuesta de definición y clasificación. *Comunicación*, 1(10), 264–275. <https://doi.org/10.12795/comunicacion.2012.v01.i10.22>

Redondo Neira, F. (2021). Novo cinema galego: recepción crítica y presencia en festivales. *Aniki*, 8(1), 193-218. <https://doi.org/10.14591/aniki.v8n1.721>

Palabras clave: Novo Cinema Galego; cinema de autor; Oliver Laxe; paisaxe; misticismo.

Olivia Novoa Fernández é profesora auxiliar na Universidade do Algarve, onde exerce a docencia desde 2007. Imparte materias relacionadas coa lingua e a cultura españolas, así como cos estudos da comunicación. É doutora en Comunicación, Cultura e Artes (2019) e posúe un máster en Comunicación, Cultura e Artes, con especialización en Ciencias da Comunicación (2011), ambos os dous pola Universidade do Algarve. Licenciouse en Filoloxía Hispánica (2002) pola Universidade de Santiago de Compostela. A súa investigación céntrase na alfabetización mediática, o cinema e o ensino de linguas e culturas estranxeiras. En 2023 participou no proxecto Ruta Literaria do Algarve. Ademais, realizou diversos estudos comparativos entre Portugal, España e Galiza, nos que analizou cuestións que abranguen desde a súa representación nos noticiarios cinematográficos ata fenómenos máis recentes relacionados coas redes sociais e os novos medios de comunicación.

Painel 8: Cinema, Colonialismo e Deslocamento (I)

Sala 2.37, Edifício 1

CARTOGRAFIAS DO EXÍLIO: ESPAÇO, IDENTIDADE E DESTERRITORIALIZAÇÃO EM TERRA ESTRANGEIRA

João Paulo de Carvalho dos Reis e Cunha (UALg/CIAC)

Esta comunicação analisa as paisagens urbanas representadas no filme *Terra Estrangeira* (1995) a partir dos conceitos de desterritorialização, cartografia e rostidade desenvolvidos por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*. Para os autores, a desterritorialização corresponde ao deslocamento de identidades, relações e estruturas estabilizadas, abrindo espaço para novas conexões e formas de existência, frequentemente acompanhadas por processos de reterritorialização.

No filme, Paco, um jovem aspirante a ator, vê a sua vida desmoronar após a morte da mãe e aceita transportar diamantes contrabandeados para a Europa. A sua trajetória evidencia um processo de desterritorialização que se manifesta tanto nos deslocamentos geográficos quanto nas transformações subjetivas.

A análise destaca o contraste visual entre São Paulo e Lisboa. Em São Paulo, predominam formas arquitetónicas geométricas e repetitivas, que sugerem contenção e ausência de linhas de fuga. Já Lisboa é representada por ruas estreitas, becos e percursos sinuosos, configurando um espaço propício ao desenraizamento, à errância e à criação de novas possibilidades de existência. Esse contraste espacial traduz visualmente a busca de Paco por um novo lugar de pertença.

Ao longo dessa jornada, Paco aproxima-se de Alex, companheira de um dos envolvidos no contrabando. A relação afetiva construída entre ambos, consolidada durante a fuga para a Espanha, constitui um novo território existencial, marcado pela possibilidade do encontro e do desejo.

Conclui-se que *Terra Estrangeira* trabalha a desterritorialização simultaneamente no plano formal e narrativo: as representações dos espaços urbanos refletem os deslocamentos subjetivos dos personagens, enquanto as relações que estes estabelecem ao longo da viagem configuram processos de reterritorialização e reconstrução identitária.

Palavras-chave: Análise fílmica; desterritorialização; paisagem urbana; identidade; Terra Estrangeira (filme).

Licenciado em Cinema pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap, São Paulo) e em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Sorocaba (Uniso, São Paulo). Pós-graduado (especialização) em Design Gráfico pelo Centro Universitário Senac. Mestre e Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Professor adjunto convidado na Escola Superior de Educação e Comunicação (ESEC) e gestor de projetos e de comunicação do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC), ambos na Universidade do Algarve (Faro, Portugal). Desenvolve investigação sobre linguagem audiovisual e média digitais, na linha de análise de processos e produtos mediáticos. Profissional há mais de 20 anos no mercado audiovisual, tendo atuado como editor de imagens e motion designer em emissoras de TV, produtoras de filme e vídeo e em filmes independentes.

QUE ME QUERES, AMOR?, DE MANUEL RIVAS, UNHA CURTAMETRAXE PIONEIRA

Carmen Mejía Ruiz (UCM-Instifem)

Presentaremos un traballo colectivo feito polos estudantes e profesores do Centro de Estudos Galegos da UCM coa finalidade de facer unha curtametraxe sobre o relato *Que me queres, amor?* de Manuel Rivas. Presentouse en 1998 na UCM e no Ateneo de Madrid, e foi pioneira esta curtametraxe porque nin Gutiérrez Aragón nin Cuerda aínda

non tiñan feito nada ao respecto. Falaremos da historia e da intrahistoria desta curtametraxe para dialogar dela co paso do tempo e do seu interese daquela e hoxe.

Palabras clave: Curtametraxe; Rivas; pioneira; intrahistoria; historia.

Carmen Mejía Ruiz, catedrática de Filoloxía Galega e Portuguesa da UCM de Madrid e responsable do CEG. Investigadora e docente cunha ampla experiencia nos estudos galegos e lusófonos. Ex-directora do Instituto de Investigacións Feministas da UCM. IP do GI UCM: Viaxar pola cidade. Representacións literarias e artísticas do espazo urbano. Liñas de Investigación: viaxes, exilios, mulleres e poesía. Vid. CV <https://www.ucm.es/erfitei/carmen-mejia-ruiz>

PAISAGEM PINTADA E ARTIFÍCIO VISUAL EM OS MAIAS: CENAS DA VIDA ROMÂNTICA DE JOÃO BOTELHO (2014)

Ana Isabel Soares (UALg/CIAC)

Em *Os Maias: Cenas da Vida Romântica* (2014), João Botelho reconfigura o romance de Eça de Queirós através de uma estética que assume o artifício da pintura para construir os ambientes da paisagem urbana, mais ou menos romantizada. Esta conceção visual é consubstanciada nos grandes telões pintados por João Queiroz, situados no lugar dos espaços naturais, que evidenciam a natureza fabricada da representação cinematográfica. Em vez de ocultar a artificialidade do estúdio, estas paisagens pintadas manifestam-na, promovendo um diálogo entre cinema, literatura e pintura que questiona noções de realismo e de fidelidade na adaptação cinematográfica.

A função da paisagem não é apenas cenográfica; torna-se narrativa e interpretativa. Porque evocam a tradição romântica da pintura de paisagem, revelam aspetos que Botelho identifica na obra queirosiana, como a importância da atmosfera, da emoção e da projeção dos estados psicológicos das personagens sobre o espaço envolvente. Lugares como Lisboa ou a Quinta de Santa Olávia são mostrados em vistas pintadas que condensam e simbolizam o espaço narrativo. Deste modo, o cenário transforma-se numa superfície pictórica sobre a qual convergem memória, imaginação e ficção.

O recurso à pintura de paisagem contribui para uma estética antinaturalista do filme e, ao mesmo tempo, para a sua reflexão acerca dos processos de criação artística. Ao privilegiar a construção do espaço cinematográfico como sucessão de quadros, numa lógica expositiva, Botelho inscreve a sua adaptação numa tradição que valoriza o artifício visual e evoca as mostras dos salões de oitocentos. A paisagem pintada ajusta-se à exploração das relações entre imagem, narrativa e ilusão, enquanto consolida a autonomia estética da arte fílmica.

Palavras-chave: Pintura de paisagem; João Botelho; *Os Maias*; adaptação cinematográfica; intermedialidade; cenografia; João Queiroz.

Ana Isabel Soares é doutorada em Teoria da Literatura (Programa em Teoria da Literatura, Faculdade de Letras de Lisboa, 2003). Mestre no mesmo Programa (1996), concluiu a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses e Ingleses) em 1993, na FLUL. É Professora Associada na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (Universidade do Algarve), onde leciona desde 1996, e investigadora integrada no Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC-UALg). É membro do painel de jurados para a área das Artes da FCT desde 2020. Publicou *Margarida Gil: Quatro Décadas de Audiovisual* (húmus, 2021), e vários artigos em livros e em revistas especializadas. Assina dois dossiês pedagógicos do Plano Nacional de Cinema. Foi a primeira presidente da AIM (2010-2014) e investigadora corresponsável do projeto “SPECULUM: Filmar-se e Ver-se ao Espelho – o Uso da Escrita de Si por Documentaristas de Língua Portuguesa” (2021–2023, financiado pela FCT enquanto projeto exploratório).

Painel 9: Cinema e Paisagem: Mito, Natureza e Descolonialidade (II)

Sala 1.37, Edificio 1

DE TERRITORIO A SISTEMA: A COSTA ATLÁNTICA E A INDUSTRIA NAVAL NA SERIE *RAPA*

María Xesús Lama López (UB-ADHUC)

Este traballo propón analizar a evolución do espazo na serie *Rapa* ao longo das súas tres temporadas, tomando como marco teórico a concepción del espazo como produto social desenvolvida por Henri Lefebvre en *A produção do espaço*. Desde esta perspectiva, o espazo deixa de entenderse como un mero soporte da acción narrativa para converterse nunha estrutura dinámica na que se inscriben e se reproducen relacións de poder, prácticas sociais e económicas e representacións simbólicas. A hipótese de que se parte concibe a serie como unha proposta que utiliza o espazo como símbolo para interpretar a realidade desde a oposición rural-urbano para confluír na síntese da terceira temporada, partindo dunha presentación do territorio enigmático que evoluciona cara á análise do sistema de relacións sociais que o habita.

A primeira temporada artículase en torno a un predomínio do espazo natural, que funciona como instancia de opacidade e límite. Seguindo a Lefebvre, este espazo atlántico de néboa, vento e cantiles sitúase principalmente no ámbito do vivido, onde a experiencia sensorial e a incerteza dificultan o acceso ao coñecemento, reforzando a idea dun territorio que produce e contén os seus propios segredos. Na segunda temporada predomina o espazo urbano-industrial de infraestruturas produtivas que revelan un territorio organizado por lóxicas de control, planificación e acumulación de capital. A opacidade xa non deriva das condicións naturais, senón de mecanismos institucionais e económicos que regulan o acceso á información. A terceira temporada presenta unha síntese que dilúe a oposición entre espazo natural e espazo industrial. As dimensións do percibido, o concibido e o vivido, nos termos lefebvrianos, deixan de funcionar como niveis diferenciados para se manifestaren como instancias simultáneas e interdependentes, e desborda calquera localización específica.

Palabras clave: Rapa; espazo vivido; Lefebvre.

María Xesús Lama López é profesora titular de Filoloxía Galega e Portuguesa na Universitat de Barcelona e directora de ADHUC – Centro de Investigación, Teoría, Género y Sexualidad. A súa investigación céntrase na literatura galega contemporánea con especial atención á perspectiva de xénero, a literatura do Rexurdimento e a configuración dun imaxinario nacional, literatura de mulleres da emigración e do exilio e as mulleres na novela criminal. Recibiu o Premio Nacional de Ensaio 2018 pola súa biografía de Rosalía de Castro. Codirixiu o proxecto “Género, Violencia y Representación. A creación nas revistas femininas peninsulares (1848–1918)” e a revista *Abriu. Estudios de textualidad de Brasil, Galicia y Portugal*.

DE LOBOSANDAUS A CORPO ABERTO: CARTOGRAFÍA EPISTOLAR E POÉTICA DA PAISAXE RAIANA

María Jesús Botana Vilar (UAlg/CIAC-CEG)

A partir dun breve relato de carácter epistolar incluído no libro Arraianos, de Méndez Ferrín, analizaremos a súa adaptación cinematográfica, O corpo aberto. Non estamos unicamente ante un thriller de corte gótico, senón tamén ante unha historia latente de cartografía humana e paisaxística situada no espazo fronteirizo da raia galego-portuguesa. Son terras bravas, marcadas por unha atmosfera inquietante e por unha orografía singular, capaces de propiciar fenómenos estraños e de alimentar crenzas ancestrais, como a dos corpos abertos. Esta vella crenza acabará por converterse na auténtica cerna do filme, articulando boa parte do seu universo simbólico e abrindo a porta a cuestións como a tensión entre a razón e a superstición, a vida e a morte ou o feminino fronte ao masculino. Deste xeito, a fronteira xeográfica convértese nun espazo liminar no que todo se dilúe e no que se condiciona a identidade raiana.

Painel 10: Cinema, Colonialismo e Deslocamento (II)

Sala 2.37, Edifício 1

O ESPAÇO E AS MÁSCARAS: CINEMA E UMA ARQUITETURA DE RESISTÊNCIA

Fernando Matos Rodrigues (ICS.NOVA_UM/LAHB)

Espaço e máscaras é um ensaio antropológico sobre o poder do cinema e da prática arquitetónica enquanto artes de resistência. Num momento histórico dominado pela imagem globalizada e pela representação performativa, cujos elementos estruturantes definem a recomposição do espaço rural, entendido como meta realidade. O cinema e a arquitetura são responsáveis por essa reconfiguração estética e sociológica do espaço rural, impondo modas, estilos e vivencialidades mas, também são catalisadores de resistência activa objectivante. Estas duas artes possibilitam o aparecimento de um pensamento crítico e analítico sobre as transformações do espaço rural, vítimas de um imaginário fortemente estilizado e performativo, num claro desprezo pelo território e pelas suas singularidades antropológicas. Uma paisagem imaterial, dominada pela fetichização e pela desdiferenciação. O problema é mais amplo e mais complexo, porque nos remete para uma «paisagem que se constitui como um novo mercado, com profissionais, técnicas de produção, regulamentações em desenvolvimento, sistemas de especialização e a inevitável violência representada pela imposição aos rurais de uma preocupação paisagística que muitas vezes assume a forma de uma ferramenta de controle, um instrumento de poder». Em primeiro lugar, porque “a paisagem de uns não é a de outros” e em segundo, muitas vezes é o “país” de uns que outros tendem a transformar em paisagem. Alguns investigadores têm favorecido a análise dos conflitos produzidos pelas intervenções paisagísticas recorrendo ao cinema e à arquitetura. Conflitos de representações, mas também conflitos de usos, conflitos de apropriação, que revelam a diversidade de olhares que existem sobre um mesmo espaço. A prática cinematográfica/documentalismo, associada a uma arquitetura de resistência/comprometida com a comunidade podem ser ferramentas importantes para uma nova reconfiguração epistemológica do território e suas populações.

Palavras-chave: Espaço; arquitetura; cinema e resistência.

Antropólogo. Investigador no CICS.NOVA_UM. Mestre em Antropologia Social (Univ. Minho). Curso de Doutoramento em Teoria da Arquitetura e Projecto Arquitetónico (Universidade de Valladolid, Espanha), Doutorando em Sociologia Univ. Minho. Autor de vários livros editados em Portugal e no estrangeiro. Director e Fundador da Revista de Estudos Rurais *RURALIA* (1987–1995).

O OCEANO ATLÂNTICO COMO PAISAGEM SIMBÓLICA EM 1492: CONQUEST OF PARADISE DE RIDLEY SCOTT

Jorge Carrega (UALg/CIAC)

Esta comunicação propõe uma leitura da paisagem atlântica em *1492: Conquest of Paradise* (Ridley Scott, 1992), entendendo o oceano não apenas como cenário geográfico, mas como espaço simbólico que articula a passagem entre o imaginário europeu e o Novo Mundo.

Ao relacionar o oceano com a ideologia da expansão europeia, o filme inscreve-se numa tradição visual que romantiza o impulso da descoberta, transformando o Atlântico numa paisagem de mito e legitimação histórica. Assim, o filme de Ridley Scott permite questionar de que modo o cinema histórico reconfigura a memória da colonização e reinscreve o mar como metáfora do imaginário eurocêntrico da aventura e do destino.

A partir do diálogo entre estudos fílmicos, teoria da paisagem e história cultural, analisamos como o Atlântico funciona enquanto dispositivo visual e ideológico que sustenta a narrativa da expansão, descoberta e conquista da América pelos colonizadores espanhóis.

Palavras-chave: Paisagem fílmica; oceano Atlântico; Ridley Scott; expansão europeia; representação simbólica.

Jorge Carrega é investigador doutorado no Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) da Universidade do Algarve. Doutorado em Comunicação, Cultura e Artes, com pós-doutoramento em Cinema Transnacional na Europa Mediterrânea, desenvolve investigação nas áreas dos estudos fílmicos, história do cinema, cultura visual e cartazes de cinema. Presentemente coordena o Grupo de Trabalho em Estudos Fílmicos do CIAC e a organização do Colóquio Cinemas do Mediterrâneo. É autor de vários livros e dezenas de artigos científicos, com trabalho publicado em revistas nacionais e internacionais. A sua investigação incide sobre os géneros populares, o cinema da Europa Mediterrânea e a história do cinema no Algarve.

Painel 11: Corpo, Performance e Paisagem

Sala 1.37, Edifício 1

PERSPECTIVAS GEOPOÉTICAS NA ARTES PERFORMATIVAS – PERCEBENDO SISTEMAS DE CRIAÇÃO COM A PAISAGEM

Leonardo Santos (Leonardo Shamah) (Universidade de Coimbra)

Esta pesquisa propõe reparagens e deslocamentos espaciais como modos de pensar, fazer e perceber teatro e performance. Traça a paisagem como elemento fundante na criação em artes performativas a partir da experiência no Programa Avançado em Criação de Artes Performativas 5 (PACAP 5) blocos I e II, realizado pelo Fórum Dança, em Lisboa, Portugal, e em experiências pregressas. Tenta aproximar arte e vida de artista a partir da escrita autoetnográfica, e de caráter performativo, contando relatos de viagem e relatos de processos de criação. Elabora vórtices interdisciplinares para sugerir outras dimensões ao pensamento teórico no campo das artes cênicas. Dedica uma atenção especial ao uso e à escolha das palavras atuantes na criação artística como uma maneira de designar procedimentos e materialidades de criação e aproximando sala de ensaio com/como paisagem.

Palavras-chave: Processo de criação; geopoética; autoetnografia; viagem; migração.

Leonardo Santos (nome artístico: Leo Shamah) é artista de teatro e performance, natural de Recife, Pernambuco, foi radicado em Brasília entre os anos 2001 e 2018, quando migrou para São Paulo e desde 2021 tem se estabelecido entre esta e Lisboa. Atualmente é aluno do doutoramento em Estudos Artísticos: Artes Performativas, na FLUC. É Mestre em Artes pelo PPGAC na ECA/USP e Licenciado em Artes Cênicas pela UnB. É pós-graduado em Processos de Criação (FCSH/UAlg) e colaborador no CIAC. Está envolvido em caminhadas artísticas, práticas de colagem e escrita performativa em seus processos de criação e investiga site specific e aproximações entre artes performativas e natureza na elaboração de procedimentos de criação.

DESAPARECER EM MEIO À PAISAGEM: TRÊS TRABALHOS EM VIDEOARTE

Maria Clara Buffo de Capua (Universidade do Porto)

A proposta discute três obras audiovisuais da autora, que tensionam a relação entre corpo e paisagem a partir da ideia de desaparecimento. Nos vídeos analisados, o corpo não surge como elemento estável de inscrição no espaço, mas como presença transitória, sujeita a diferentes regimes de temporalidade e percepção.

No vídeo *naufrágio* (2021), dois quadros simultâneos apresentam percursos antagônicos – a subida e a descida da maré atlântica – que conduzem, respectivamente, ao desaparecimento de um corpo humano no oceano e ao encalhe de uma pequena embarcação na areia.

Já em *contra.tempo* (2020) e em *contra.passo* (2024), obras que compõem um projeto serial, um único plano acompanha a trajetória de um corpo que caminha muito lentamente ao longo de duas paisagens bastante diferentes entre si. No primeiro, o corpo atravessa um viaduto de grande movimento da cidade de São Paulo, produzindo um desajuste rítmico que evidencia formas de invisibilidade e fricção com a paisagem urbana. No segundo, o mesmo corpo volta a caminhar em tempo dilatado, desta vez sobre um lago congelado em um fiorde islandês. A paisagem inhóspita e quase sem movimento desloca a atenção para a voz subjetiva do corpo, que convoca reflexões sobre a passagem do tempo e a identidade.

Através da apresentação de três trabalhos autorais, acompanhada da projeção de trechos dos vídeos, a comunicação busca refletir, via prática artística, sobre diferentes regimes de desaparecimento do corpo em meio à paisagem.

Trabalho apoiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., através da bolsa de doutoramento 2024.00306.BD.

Palavras-chave: Paisagem; corpo; videoarte; desaparecimento.

Clara de Cápua (Jaú, 1984) é uma artista brasileira multidisciplinar, com atuação entre as artes da cena e as artes visuais. Vive em Portugal, onde desenvolve uma investigação de Doutoramento junto à FBAUP e ao iZADS, com o apoio financeiro da FCT. Possui Mestrado em Artes (2010) e Bacharelado em Artes Cênicas (2005), ambos pela UNICAMP. Sua pesquisa aborda processos de desaparecimento e tensões entre presença e ausência na imagem. Realizou as exposições individuais *Allar ár eru sama áin/All rivers are the same river* (Islândia, 2025) e *Desaparição* (Portugal, 2024). Participou de mostras e exposições coletivas como o Boreal Screendance Festival (Islândia, 2024), a XXII Bienal Internacional de Arte de Cerveira, (Portugal, 2022); e o Paadmaan Video Event #2 (Irã, 2021). Seus vídeos foram exibidos no Brasil, na Alemanha, na Islândia, na Romênia, na Bélgica, em Portugal e no Irã.

PARA O BEM E PARA O MAL A PAISAGEM SOMOS NÓS/TEATRO DE AMBIENTES

Esmeralda da Conceição Chaparro Fialho
(Esmeralda Bisnoca) (Teatro e Educação)

A peça de teatro *Namanha Makbunhe*¹ nasceu da adaptação da obra de William Shakespeare *Macbeth*, obra prima que fala da tragédia do amor, da morte, da ambição cega do poder onde os homens fazem o que são. Andrzej Kowalski fez uma adaptação de *Macbeth*, “deslocaliza” a obra original e coloca-a na identidade/universo africano. A partitura paisagística organizou o ritmo, o tempo no espaço cênico desenhado pela luz. O espectador pode auferir de uma paisagem sonora, visual, emocional... um ambiente onde a dimensão narrativa e metafórica da paisagem contou uma história. Nesta apresentação haverá um breve apontamento de gravação áudio-vídeo desta obra, a projeção de fotografias de cena e esboços de figurinos, de forma a mostrar e a analisar como o espaço cênico se transformou e como os figurinos e os adereços são a extensão do trabalho do ator e fazem parte dessa força motriz. Também, dar-se-á destaque aos elementos da natureza e da paisagem (Ria Formosa), como sementes, texturas, cores, que fizeram parte da concepção e construção física dos figurinos.

<https://www.behance.net/esmeraldab00c0>

Palavras-chave: Paisagem; identidade; teatro de ambientes; espaço cênico; figurinos.

Esmeralda Fialho é uma artista visual, com autoria em figurinos e adereços para as artes cênicas e assina os trabalhos como Esmeralda Bisnoca. Fez estudos superiores na Universidade de Évora, Licenciatura em Ensino de História. Exerce a docência, disciplina História da Cultura e das Artes, em Faro. Fundou e dirige o seu próprio espaço de trabalho “Espaço Espalhafatos”, para projetos, concepção e tecnologia de figurino, máscara e formas animadas.

Enquanto figurinista e aderecista já trabalhou com os seguintes encenadores: Isabel Bilou (C.Dramático Évora/ Gicc-Teatro das Beiras; Pedro Wilson (Teatro da Universidade do Algarve); Luís Vicente, Paulo Matos, Isabel Pereira, Paulo Moreira, Andrzej Kowalski (ACTA- A Companhia de Teatro do Algarve); Andrzej Kowalski (TNDMII); Telma Saião (LAMA Teatro). Projecta e constrói os figurinos e/ou objetos cênicos como extensão do trabalho do ator mas também como objectos performativos e/ou instalações.

1 *Namanha Makbunhe*, a partir de *Macbeth* de William Shakespeare, adaptação e encenação de Andrzej Kowalski; cenografia e desenho de luz de Leszek Madzik e Andrzej Kowalski; dramaturgia de Luis Mourão; figurinos de Esmeralda Bisnoca; produção TNDMII em colaboração com a Companhia de Teatro Os Fidalgos (Guiné-Bissau); Teatro da Trindade, maio e junho, 2007. Esta obra integrou o documentário *Auto da Casa*, 180 anos de história do TNDMII, Festival Indie, maio de 2006.

Painel 12: Escrita, Imagem e Representação do Feminino

Sala 2.37, Edifício 1

PAISAXE COMO LINGUAXE: TRES AUTORAS GALEGAS CONTEMPORÁNEAS E A CONSTRUCCIÓN INTERMEDIAL DO TERRITORIO online

María Sonia Cruz Pérez (Universidad Complutense de Madrid)

Esta comunicación propón un breve estudo comparativo da paisaxe na obra de tres autoras galegas contemporáneas — Luísa Castro, Xela Arias e Yolanda Castaño — atendendo ao xeito en que cada unha transforma a paisaxe nunha linguaxe simbólica que atravesa soportes e rexistros diversos. Partindo da concepción da paisaxe como construto cultural que media entre o visible, o representado e o imaxinado, analizarase como estas autoras articulan o espazo atlántico, rural e urbano a través de prácticas que desbordan a fronteira estrita do literario. En *Baleas e baleas* de Castro, o mar convértese en gramática de deriva e subxectivación, nunha escritura que dialoga coa tradición iconográfica da paisaxe mariña atlántica; en *Tigres coma cabalos* de Arias, en diálogo co traballo fotográfico de Xulio Gil, a paisaxe emerxe na tensión entre palabra e imaxe como resistencia corporal e política; na obra de Castaño, especialmente nos seus proxectos de videopoésia e nas súas performances, o territorio experimentase como espazo lingüístico, sonoro e afectivo.

As tres autoras escollidas permiten trazar, ademais, un arco xeracional que ilumina as transformacións da propia idea de paisaxe na literatura galega das últimas décadas. Se Castro, desde finais dos oitenta, reformula o imaxinario atlántico herdado da tradición rosaliana e dos poetas do mar, Arias introduce nos noventa unha paisaxe urbana, corporal e disidente que rompe cos repertorios ruralistas; Castaño, xa no século XXI, desprázase cara a unha paisaxe expandida, tecida de linguas, pantallas e circulacións internacionais. Esta sucesión é acumulativa: cada autora engade unha capa á cartografía simbólica do país.

Lidas en conxunto, estas tres poéticas amosan como a paisaxe constitúe unha forma de coñecemento que educa a mirada e reformula os vínculos entre suxeito, lingua e territorio na Galicia contemporánea.

Palabras clave: Paisaxe; poesía galega contemporánea; intermedialidade; Atlántico; construción do territorio.

María Sonia Cruz Pérez é doutoranda en Estudos Literarios na Universidade Complutense de Madrid, cunha tese sobre a evolución do realismo máxico. Desde hai dous anos é profesora lectora no Centro de Estudos Galegos da Universidade Complutense de Madrid e secretaria de *Madrygal. Revista de Estudos Literarios*. Graduada en Ciencias da Linguaxe e Estudos Literarios pola Universidade de Vigo (Mención en Escrita Creativa, Premio Ángela Ruiz Robles), ten dous Mestrados; un en Estudos Avanzados en Literatura Española e Latinoamericana e outro en Formación do Profesorado na especialidade de Lingua e Literatura Galega e Castelá (Universidade de Vigo). Completa a súa formación investigadora con seminarios en técnicas de investigación, métodos dixitais e estudos de xénero. Recentemente participou en congresos internacionais sobre literaturas ibéricas, entre eles o Coloquio Internacional 50 anos de democracias ibéricas (Universidade de Lisboa) e o II Congreso Internacional de Jóvenes Investigadores en Literatura Portuguesa (UCM).

PANORAMAS DA CIDADE MODERNA EM JÚLIO CÉSAR MACHADO

Carina Infante do Carmo (Universidade do Algarve/CEComp, FLUL)

A crónica portuguesa deve a Júlio César Machado (1835–1890) muito do seu fulgor público, no apuro de uma sedutora coloquialidade digressiva e irónica que participa, entre a literatura e o jornalismo, na afirmação de novos modos de produção e circulação do escrito e do realismo como forma hegemónica de representação. Dizendo-se despreziosos, cientes dos seus limites e por vezes até falhos de assunto, os seus folhetins entregam-se à anedota do quotidiano, à observação do pitoresco em ambientes maioritariamente urbanos. A abrir a década de 1860, *Cenas*

da Minha Terra (1862) e *Recordações de Paris e Londres* (1863) recolhem folhetins impregnados pelo que o autor denominou “velocidade irônica” da viagem. Graças a ela, Júlio César Machado fixa paisagens vividas de cidades portuguesas e europeias, num tempo de aceleração histórica e de consagração da cultura burguesa. Para esse efeito aposta na panoramização do mundo, na fragmentação em movimento do visível, própria do olhar moderno, sem prescindir da autorreflexão sobre as suas escolhas de representação, nomeadamente de figuras populares.

Palavras-chave: Júlio César Machado; crónica; panoramização; representação do povo.

Professora Associada da Universidade do Algarve. Membro do Centro de Estudos Comparatistas (FLUL) e colaboradora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (UALg). Tem estudado autores portugueses novecentistas, o movimento neorrealista e a escrita autobiográfica, em particular o género crónica. Entre as suas publicações mais recentes registam-se: *A Visagem do Cronista. Antologia de Crónica Autobiográfica Portuguesa. Séculos XIX–XXI* (2 vols., 2018), *A Noite Inquieta. Ensaios sobre Literatura Portuguesa, Política e Memória* (2020); e, em co-organização com outros autores: *Escrever a Vida. Verdade e Ficção* (2008), *Neo-Realismo e Infância* (2019), *Presença e Memória. Homenagem a Paula Morão* (2022), *Não Esquecerei o que Então Chamámos Esperança: Antologia de Crónica Autobiográfica sobre a Revolução de Abril* (2024) e *Contar de Abril. Revolução e Testemunho* (no prelo). Curadora das exposições *Miúdos, a Vida, às Mãos Cheias. A Infância do Neo-Realismo Português* (com Violante Magalhães, dez. 2017–set. 2018) e *Escrever é Lutar. Escritores Neo-Realistas e a Revolução de Abril* (abril–nov. 2024), ambas no Museu do Neo-Realismo.

ENTRE O MAR E A AUSÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA PAISAGEM ALGARVIA

Isabella Papa (Universidade do Algarve)

Este artigo investiga de que forma a paisagem marítima atua como dispositivo ativo na construção da percepção e da identidade feminina, tendo como estudo de caso a curta-metragem experimental *VELA*. O filme concebe o mar como elemento simbólico e sensorial capaz de estruturar experiências de ausência, espera e memória, apresentando a paisagem como espaço de mediação da subjetividade, no qual corpo, memória e território se articulam. Parte-se da premissa de que a paisagem não é mero cenário, mas território de interação entre elementos naturais e experiências humanas, capaz de revelar dimensões complexas da subjetividade feminina contemporânea.

A análise combina metodologia de prática artística com abordagem fílmica crítica, considerando ritmo, som, fusão entre imagem real e animação e materialidade sonora como vetores de significação. A investigação examina como estratégias sensoriais e temporais estabelecem tensões entre visível e sensível, corpo e território, permitindo percepções imersivas e reflexões sobre resistência, vulnerabilidade e transformação na experiência feminina.

Os resultados evidenciam que a combinação de elementos formais e sensoriais possibilita que a paisagem funcione simultaneamente como suporte narrativo e espaço de investigação artística. O estudo demonstra que *VELA* explora novas formas de relação entre cinema contemplativo e pesquisa, tensionando fronteiras entre representação, experiência e subjetividade.

O trabalho contribui para a reflexão crítica sobre o potencial investigativo do cinema enquanto prática artística, mostrando que a paisagem pode operar como mediadora da identidade feminina. A análise abre caminhos para estudos de género, representações sensoriais e experimentações poéticas em filmes contemporâneos, destacando a relevância de práticas cinematográficas que articulam percepção, memória e território na construção de significados.

Palavras-chave: Paisagem marítima; feminino; animação; cinema experimental.

Isabella Papa é realizadora brasileira com mais de 15 anos de experiência na indústria da animação, trabalhando em televisão, cinema, videojogos e media digitais no Brasil e na Europa. O seu trabalho cruza linguagens e suportes ao explorar narrativas humanas, sobretudo femininas, e a relação entre corpo, memória e espaço. Tem experiência em projetos experimentais e colaborativos, combinando técnicas de animação tradicional e digital com práticas artísticas contemporâneas. Além da sua atividade cinematográfica, é velejadora, experiência que influencia a sua abordagem poética e sensorial à criação audiovisual. O seu trabalho destaca-se pela investigação sobre percepção, identidade e resistência feminina, articulando dimensão estética e conceptual.

Comissão Organizadora

Bruno Mendes da Silva (UALg/CIAC)

Mirian Estela Nogueira Tavares (UALg/CIAC)
(Coordenação)

María Jesús Botana Vilar (UALg/CIAC-CEG)
(Coordenação)

Carlos Pazos-Justo (CEG-UMinho)

Elías González López (CEG-UMinho)

Olivia Novoa Fernández (UALg/CIAC)

Neuza Costa (UALg/CIAC)

Jorge Carrega (UALg/CIAC)

Elías González López (CEG-UMinho)

Gabriela Borges (UALg/CIAC)

Helena González Fernández (UB-ADHUC)

João Sarmento (CESC-UMinho)

Jorge Carrega (UALg/CIAC)

Manuel Célio Conceição (UALg/CIAC)

María Jesús Botana Vilar (UALg/CEG-CIAC)

María Xesús Lama López (UB-ADHUC)

Mirian Estela Nogueira Tavares (UALg/CIAC)

Neuza Costa (UALg/CIAC)

Olivia Novoa Fernández (UALg/CIAC)

Patrícia Dourado (UALg/CIAC)

Pedro Emanuel Quintino de Sousa (UALg/CIAC)

Ricardo Pichel Goterrez (UNED/INHDIE)

Zósimo López Pena (GALABRA-USC)

Comissão Científica

Ana Soares (UALg/CIAC)

Ana Sofia Bessa Carvalho (CEHUM-UMinho)

António Costa Valente (UALg/CIAC)

Bruno Mendes da Silva (UALg/CIAC)

Carlos Pazos-Justo (CEG-UMinho)

Carmen Mejía Ruiz (UCM-Instifem)

César Domínguez (GALABRA-USC)

Comissão de Comunicação e Logística

Juan Manuel Escribano Loza

João Paulo de Carvalho dos Reis e Cunha

Organizam



CENTRO DE
ESTUDOS GALEGOS
DA UALG



Universidade do Minho



XUNTA
DE GALICIA

CONSELLERÍA DE
CULTURA, LINGUA
E XUVENTUDE



Xacobeo
2027



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



UALg
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Apoios



UALg FCHS
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



CEHUM
Centro de Estudos Humanísticos
da Universidade do Minho



Madrygal
Revista de Estudios Gallegos
Centro de Estudos Galegos, Facultad de Filología



EDICIONES
COMPLUTENSE



UNIVERSIDAD
COMPLUTENSE
MADRID

Esta conferência é apoiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UID/04019/2025 – CIAC» DOI: 10.54499/UID/04019/2025 e por fundos europeus no âmbito dos projetos «UID/PRR/04019/2025» DOI: 10.54499/UID/PRR/04019/2025 e «UID/PRR2/04019/2025» DOI: 10.54499/UID/PRR2/04019/2025